

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I

N.º 1

Porto, 1 de Janeiro de 1914

Director e proprietario,

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

Editor,

Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira.

Assistente ecclesiastico,

Dr. Ferreira Pinto.

REDACÇÃO:

Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO

SUMMARIO

Lusitania, Francisco Velloso. — *Uma carta do Ex.º e Rev.º Sr. Bispo do Porto*. — *Da existencia da alma*, Pacheco d'Amorim. — *Commissões parochiaes*, G. Desbusquois. — *O prejuizo agnostico*, Antonio Martins Junior. — *O Ensino*, Antonio J. d'Almeida C. Lemos Ferreira. — *Ozanam*, A. M. — *A Capella de S. Paulo e a Universidade Columbia*, Ferreira da Silva. — *Chronica litteraria* — *Neo-conversa*, Corieia Pinto. — *Jesus adormecido*, Julio de Castilho, (Visconde de Castilho). — *Notas d'actualidade* — *O Cardeal Rampolla*, N. — *Bibliographia* — *Zara*, J. Ruella Ramos.

DEPOSITARIA: SECÇÃO RELIGIOSA DA COMPANHIA PORTUGUESA

EDITORIA — RUA DE SANTA THEREZA, 10 — PORTO.

Collaboradores da LUSITANIA

D. Antonio Barroso, D. Antonio Barbosa Leão, Dr. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, Dr. Pacheco d'Amorim, Dr. Correia Pinto, Dr. Lino Netto, Dr. Domingos Pinto Coelho, João Franco Monteiro, Dr. Elias d'Aguiar, Dr. Agostinho de Jesus e Souza, Dr. Antonio Mendes Martins Junior, D. José d'Azevedo e Menezes, Dr. Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Dr. Mendes dos Santos, Dr. Antonio Pereira dos Santos Motta, Dr. Antonio d'Oliveira Salazar, Padre Guimarães Dias, Dr. Silvio Péllico, Mons. Domingues Mariz, Dr. Almeida Correia, Dr. Gonçalves Cerejeira, Dr. Castro Meirelles, Dr. João Ramos de Castro, Dr. João Cavaco, Dr. Pinheiro Torres, Dr. Agostinho Coutinho, Dr. Manoel Pereira dos Reis, Dr. Juvenal d'Araujo, Gomes Leal, José Agostinho, Visconde de Castilho, Padre Nestor Serafim Gomes, Dr. Fortunato d'Almeida, Dr. Ruella Ramos, Dr. Ferreira Pinto, etc., etc.

A COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA, recebe, apenas publicadas, todas as novidades, tanto nacionaes como estrangeiras.

Encontram-se sempre á venda na COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA todos os livros escolares adoptados nas Escólas Primarias, Normaes, Seminarios, Institutos, cursos superiores, etc.

Papelaria, objectos de escriptorio, desenho, pintura, etc. — Assignaturas de todos os jornaes e illustrações nacionaes e estrangeiras.

A COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA possui um completo sortido de material escolar.

Officinas de typographia, stereotypia, galvanoplastia e encadernação.

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I

N.º 1

PORTO, 1 DE JANEIRO DE 1914

Director e Proprietario:
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

Editor:
Dr. Manoel Gonçalves Carejeira

Redacção:
Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO

Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Successor
Rua da Cancellia Velha, 70

LUSITANIA



OM o apparecimento d'esta revista mensal, renova-se, em bases mais estaveis, uma iniciativa catholica de incontestavel auctoridade e de extraordinario alcance.

O infortunado viver sob a oppressão, sugeriu e advogou aos espiritos serenos e rectos a necessidade d'uma nova ordem de processos na organização das forças catholicas em Portugal. Aquillo que, em passados tempos de mediania e de relativo desfôgo material, se reputava não só utopico como impraticavel, dadas as condições de morbida defecção e de retaliações estreitas que lardeavam a acção catholica portugueza, — tornou-se exigencia inadiavel, de cuja satisfação cabal depende a vitalisação forte da nossa raça, quase em decrepitude moral, e a salvação, e proveito efficaz, na reconstrucção religiosa do paiz.

Reconstrucção religiosa, dizemos, acreditando affirmar a pura verdade.

Hemos possuido instituições admiraveis, cuja robustez desafiou o puir das edades, a dissolvencia dos costumes e o deleterio veneno de certos ideaes regressivos. Não fallando já nas corporações de ordem politica, alimentadas por um espi-

rito de austeridade e honradez impollutas, quaes devem ser as depositarias dos destinos d'um paiz cioso da sua independencia;— lembremos, no emtanto, como exemplo, na ordem religiosa, as Misericordias e as Confrarias. Quem lhes visitar os lances da historia e determinar o seu objectivo, fóra e acima das paixões dos homens e das vicissitudes de cada época, jámais pode occultar a grandeza d'uma e a inalteravel elevação e dignidade do outro!

Veio, porém, inquinar-lhes a seiva de tantas dedicações caridosas o espirito revolucionario, que é essencialmente um espirito de desunião e de ambição desmedida, ao serviço das incompetencias, e a pouco e pouco, enquanto na altura do poder se reregava inadvertida e loucamente uma filiação historica tão honrosa e se pretendia desconhecer ou malsinar a tradição religiosa, claramente catholica, que garantia aquella: Misericordias, Confrarias e outras gloriosas corporações, cahiam nas mãos dos innovadores, desnorteava-se o seu principal fim religioso de caridade e beneficencia social, e nos antigos logares, conquistados pela abnegação de muitos, pompeava agora o egoismo politico, de tão precarios effeitos. Não queremos nem devemos por agora, adeantarmo-nos em maiores aduções. Estes exemplos nos bastam para asseverar, d'um modo geral, que entregues os pontos estrategicos ao inimigo, pela subserviencia das maiorias, urge operar-se no paiz um movimento de que resulte uma reconquista veridica e real.

Fomos colhidos de sobreaviso pela tempestade; é natural que ande o nosso barco a zimbrar na espadua plumbea de mares tormentosos; mas não deixa de ser indispensavel tambem que, salvando-se o que puder ser salvo, se reanime e reconforte a tripulação desvairada, até que a bom porto Deus nos encaminhe!

Pela sabedoria e inspiração do Seu Vigario na terra, Elle nos indica as linhas-mestras d'essa reorganisação, que tem de pairar n'uma atmospheria depurada de inimisades, para poder fructificar, arredada e incontaminada d'essa especie de formulismo religioso e de observancia mechanica do culto, que petrificam e estagnam a fé!

Ella tem de ser profunda, pratica e geral. Profunda, por descer aos detalhes da educação privada, infundindo e insta-

lando nas consciencias o verdadeiro sentimento religioso catholico, despido e descodado de certos resaibos de paganismo archaico e pôdre, fazendo reviver a pureza da crença e a estabilidade necessaria do Dogma, e dentro d'estes limites essenciaes, rasgar depois ante os olhares, os caminhos rutilantes do Progresso e da Civilisação, e desvendar e explicar os quadros sublimes da epopeia nacional. Pratica, por haver de manter como condição de triumpho, uma rigorosa disciplina, reavivar o prestigio das hierarchias legitimadas, seleccionar as aptidões, classificar os valores, e além d'isso, ser de realisação adaptavel ás variações de logar, de tempo e de costumes, lançar os seus esteios no campo social, attendendo ás carencias do povo e restabelecendo no paiz emfim o *apostolado laico!*

Geral, por dever abranger não uma determinada classe, ou um particular conjuncto de classes ou interesses, não um cenaculo de eleitos cuja mentalidade não pode alcançar a maioria dos cidadãos, mas um corpo de organização commum em cujas filas caiba o rico e o pobre, o nobre e o plebeu, sem prejuizo de independencia e de inclinação, e sobretudo, por dever conservar uma rigorosa fidelidade á doutrina, embora haja de, por amor d'ella, irradiar do seu gremio certos elementos irrequietos que firmam a sua fé um tanto espectacular e falsa, nos europeis do seu talento.

Esta reconstrucção fundamental da acção e do espirito religioso, que em largo escorço acabamos de delinear, requer em primeiro logar uma liberdade de discussão elevada e sã, requer uma orientação superior.

Quem a formulará? Em que laboratorio ha-de ser preparada? Como ha-de ser emittida e ensinada?

Disse um dia Le Play que n'uma sociedade que rue por todos os lados, a primeira tarefa é reformar as ideias, e applicando á situação especial do nosso meio, que vimos bosquejando, a phrase do eminente sociologo, constatamos a sua inteira e actual propriedade.

Ao apresentar as *Farpas*, n'um prefacio já celebre, embora não contenha a visão, e a energica e flagrante justiça de Balzac, ao escrever o da *Comédie humaine*, — Eça de Queiroz descarnava as ossaturas do corpo nacional, mostrava aos illu-

didados o seu depauperamento physico e a sua aridez mental, a sua somnolencia e a sua debilidade, e terminava por synthetisar: — somos um povo votado á dictadura ou á conquista.

A cada passo se encontrava, na bocca dos criticos de intelligencia acurada e animo reflectido, a proposição, aliás não difficil de demonstrar, de que Portugal era um paiz em que não se estudava.

De 1871 para cá, operou-se uma certa evolução mental, e se não floresce hoje uma esphera completa de illustrados e porfiados cultores da sciencia, possuímos todavia uma galeria que, apesar de pouco numerosa, attesta um certo vigor intellectual e a que não passam despercebidos nem os avanços do saber nem os problemas candentes.

Não pretendemos apontar nomes. Tampouco arcamos com a responsabilidade séria d'uma comparação entre aquella época e a nossa. Não esmiuçaremos analyses para determinar a parte que n'aquelle quadro é reservada aos catholicos do nosso paiz.

Entreguemos a mais competentes esse trabalho de imparcial descriminação, que a palpitação ainda quente dos acontecimentos, não aconselha para já.

Mas, se não é licito que nos arvoremos em juizes professos d'uma obra em cujos defeitos indirecta e inconscientemente tivemos participação, — não nos é vedado antepôr desde já o reconhecimento da desgraça em que estorcegamos, dos males e erros que comettemos e vamos soffrendo, e aconselhar os remedios natural e logicamente indicados.

N'este intuito desinteressado e honesto, affirmámos a necessidade de uma reconstrucção religiosa, profunda, pratica e geral, e, presidindo-lhe e norteando-a, a indispensavel e permanente assistencia d'uma orientação intellectual de extreme orthodoxia, de segura disciplina, e de contínua seriedade.

D'aquillo que atraz dissémos ácerca do nosso passado e do presente, infere-se claramente que não somos desprovidos de materiaes e elementos com que se effective e perdure essa orientação.

Precisamos de reformar as ideias no campo catholico, não no sentido de substituir uma doutrina por outra, antes aproveitar o largo residuo tradicional e viril de religioso sen-

timento, albergado na alma do povo; aprimoral-o, tornal-o mais vivo e scintilante, transformar a inercia rotinária em acção desenvolta e indomavel, e para isso, ordenar as forças de que dispomos, e muitas são, em corpo solido, e fornecer uma cabeça a este corpo, um pensamento a esta acção, que tem de se realizar, sob pena de entrarmos definitivamente no derradeiro periodo da decomposição intellectual e moral!

Quem formulará esta orientação superior?

Todos aquelles que vivem para um estudo detido das nossas necessidades, todo o collegio de pensadores, de professores, de trabalhadores no campo do saber, uns distrahidos em arduas labutas, outros encellados em obscuridade modestissima, a cuja sombra vão vencendo e devassando os dominios da sciencia humana. Possuimo-los no nosso gremio catholico, vestindo a purpura, trajando a sotaina, envergando a toga de magistrados ou a farda militar, subindo á cathedra universitaria ou á tribuna do fóro. São, na sociedade portugueza, sem receio de favor, os mais brilhantes espiritos. A todos elles cabe, n'esta hora suprema e altissima, essa funcção de orientar todo o desordenado e amalgamado pensamento catholico portuguez. E se a deserção d'um soldado é crime que a historia não deixa impune, a não comparencia do general no momento do ataque, assume proporções bem mais graves e mais imperdoaveis!

Como ha-de ser preparada, emittida e ensinada essa orientação superior?

Dar livre accesso e expansão a ideias para cuja comprehensão se exige aturado exame, porque affectam e visam problemas do mais palpavel interesse, — é deixar que um curso d'agua desborde, e vá com a sua revolta ondeação atrazar o trabalho das seivas, afogar em lôdo a floração das campinas e dos prados.

Assim como é defendida no dominio da agricultura, a repartição das correntes por meio de canaes fertilisadores, assim tambem, no caso comparavel, convém que a doutrinação das ideias se não pérca e inutilise, caminhando estas pela direita, aquell'outras pela esquerda, em linhas divergentes, e o commum dos espiritos que as attendem, não seja capaz de observar as relações de dependencia que as enfeixam, e saccar do

seu conjuncto, d'esta observação minuciosa e honesta, uma série de illações que constituam o systema.

E' preciso que os chamados a esta obra importantissima manifestem os seus trabalhos no mesmo lugar e sob a mesma égide.

Não vamos adeantar que as ideias expostas hajam de cingir-se indispensavelmente a formas rigidas e intransformaveis. Não as queremos asperamente encarceradas, sem um resfolgo de originalidade.

Para ellas, reclamamos o livre campo das discussões proveitosas, comtanto não transgridam os marcos basilares da orthodoxia. Para ellas os vôos amplos do espirito, illuminado pela Fé, nunca a vida miserrima de larvas impertinentes!

Emittidas as ideias, sujeitas ao esmoer do dente nivellador da critica, apprehendidas por todos os que da sua assistencia carecem, ir-se-ha argamassando nas consciencias, com o auxilio da sciencia a reserva irrefragavel da crença, e dentro em pouco, parallelamente ao desenrolar das organizações praticas, desdobrar-se-ha uma outra organização intellectual e moral, irradiada do seio das élites para a grande massa do povo!

Assim resurgiram na Historia os grandiosos movimentos que avassalaram o pensamento das edades e augmentaram o thesoiro da sabedoria do mundo, sob o olhar fulgurantissimo de Deus!

*

A presente revista vem offerecer-se desinteressada e dedicadamente ao preenchimento urgente d'esta lacuna. Entra resoluta no traçado auctorizada e superiormente elaborado pelo Episcopado Portuguez, da organização renovada e fortalecida dos fieis ao ideal catholico, apostolico, romano, nos terrenos da piedade, do estudo e da acção.

Abre as suas paginas á competencia, quer que n'ellas fique archivado o pensamento catholico portuguez, desde a religião á philosophia e aos varios ramos das sciencias positivas, desde a litteratura á critica de Arte, e ás apreciações acérca dos momentosos problemas sociaes hodiernos.

Não é a orgulhosa audacia que accende esta iniciativa, senão o evidente conhecimento d'uma necessidade no nosso meio, servido por uma dedicação contra a qual não pode levantar-se nem a inveja dos teimosos, nem a deturpação dos enfatuados, nem a injuriã dos mediocres.

Servos abnegados de Jesus Christo, submettemo-nos sem discussão ao Seu Representante na terra. Estamos com Roma, integrados na grande aspiração religiosa que lateja nos flancos do velho mundo, com os grandes pensadores da hora presente!

As benções dos Bispos de Portugal dão-nos a confiança e o alento de que saberemos cumprir disciplinados o nosso dever.

... Chama-se *Lusitania* esta revista.

Não sugeriu tal titulo a pedanteria que vae escoldrinhar archaicos termos para avocar a si as atenções do mercado.

Assim a baptisamos porque ella é destinada a Portugal, a desenvolver e estudar o maior problema, o problema fundamental da nossa nacionalidade — o problema religioso — e de par com elle, todas as questões que nasçam na nossa vida, sem baixar ao torvelinho das paixões nefastas.

Intimamente enlaçada á nossa tradição politica, está a nossa tradição religiosa, que quase a condiciona. E' impossivel destroncal'as da mesma origem, que é a alma nacional.

Porventura parecerá demasiadamente extenso o nosso programma? Embora o pareça, certo é que não podia ser diverso.

A descrença e a indiferença não se accomodam em nossa alma de christãos.

Dizia Diogenes que o melhor modo de provar o movimento a outrem era começar a andar deante d'elle...

Resta-nos esperar o acolhimento do publico, e a sentença d'aquelles que não quizerem desajudar-nos.

Francisco Velloso.

UMA CARTA

do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo do Porto

Ex.^{mo} Snr.

E' sobremaneira grato aos nossos sentimentos de Prelado Catholico e de sincero patriota dar o nosso contributo para a publicação d'uma revista mensal de orientação intellectual, genuinamente catholica, com o titulo de «Luzitania».

Esse empreendimento corresponde a uma real e ingente necessidade, imposta pelos descalabros que o genio do mal, na sua faina de ruina, tem espalhado nos ultimos tempos sobre o solo da nossa infeliz, e bem amada Patria. Por isso, não regatearemos o nosso appoio a uma obra tão instantemente reclamada, nem o nosso incitamento á pleiade de homens de boa vontade, que tomaram a peito prehencher, com o seu estudo bem orientado, e com a sua crença afervorada, uma lacuna, a que é urgente accudir.

Não póde ser mais suggestivo o titulo da publicação, de que se trata.

A' Luzitania andam vinculadas recordações de heroismo, que é de toda a oportunidade reavivar, e serão estimulo para varrer e sacudir a tyrania d'um sectarismo mortifero e anti-nacional, que nos assoberba, e ameaça tudo esmagar, como outr'ora se reagiu contra o despotismo dos pro-pretores romanos, nos seus propositos de aviltamento d'uma raça forte, e nada atreita a servidões. Com o andar dos tempos deixou-se ella amollecere? Não importa. O céu anillado que a cobre, e o ambiente que respira, são ainda os mesmos d'outr'ora. O sangue que lhe circula nas veias póde estar depauperado, mas é ainda susceptivel d'uma tonificação que a conduza ao estado de vitalidade e de resurgimento, a que o seu glorioso passado lhe dá incontestavel direito.

Para esta raça, em verdade um tanto abastardada, o principio da nacionalidade é ainda objecto d'um culto, que ella se não resignará a abandonar; e, contando no seu activo glorias immarcessiveis e inolvidaveis, não póde nem deve sosso-brar.

Mas a patria portugueza alicerçou-se sobre a Religião, e, no decurso dos seus destinos, tem caminhado, sempre, amparada á fé professada pelos nossos paes. Foi a crença catholica o grande estimulo e o propulsor do montante empunhado pelo seu fundador, nas longas pugnas com leonezes e mouros.

Valeu-lhe em Aljubarrota a visivel protecção da Santissima Virgem da Victoria, e na quasi sobrehumana aventura da descoberta do caminho marítimo para as Indias a de Nossa Senhora dos Navegantes, venerada na sua Capella do Restello, como o attestam os monumentos da Batalha e dos Jeronymos.

No pendor em que as cousas vão é, pois, de instante e inadiavel necessidade entravar a obra de dissolução que se está cavando — a deschristianisação do nosso paiz — e congregar todos os esforços para uma renovação religiosa, ou de regresso áquella fé ardente que nos fez grandes, e que hoje é a unica que ainda póde salvar-nos.

Só conjugando as forças catholicas nacionaes, e envidando um supremo esforço, se poderá conjurar o perigo de vermos ruir a sociedade portugueza, abalada nos seus fundamentos, por uma propaganda sem ideal, sem poesia, que tem tanto de anti-christã, como de anti-patriotica.

Por isso jubilosamente nos associamos aos esforços dos fundadores da revista «Luzitania», dando-lhes todo o nosso apoio moral, e abençoando a sua necessaria e bem cabida iniciativa.

Que Deus Nosso Senhor conceda á obra que vae iniciar-se o indispensavel e merecido incremento, e guarde a V. Exc.^a e aos demais cooperadores.

Barcellos, dezembro 8, festa da Immaculada Conceição de Nossa Senhora, de 1913.

† *Antonio, Bispo do Porto.*

Da existencia da alma

De todos os argumentos que é de costume apresentar contra a existencia da alma, dois ha que merecem uma attenção muito especial.

O 1.º d'estes argumentos a que me refiro, é sobretudo perigoso por se apresentar com uma forma altamente scientifica, pois se basêa na applicação immediata do principio da conservação da energia. Esse aspecto scientifico dá-lhe grande prestigio e o prestigio é muito, ás vezes é tudo, na arte do convencêr. A força da prova d'este argumento é ainda augmentado pelo facto do principio da conservação da energia ser d'uma comprehensão inaccessible a quem não tiver uma cultura scientifica muito vasta e sabe-se bem que se é levado a acreditar sempre uma affirmação que se não entende, caso ella seja feita por pessoa que se suppõe de auctoridade¹.

O 2.º é um habilidoso argumento por analogia e sabe-se a força de persuasão que estes argumentos teem sobre os espiritos incultos ou pouco esclarecidos.

Foram essas as razões que me levaram a escrever este artigo, refutando esses dois argumentos.

Principiemos por refutar o argumento baseado no principio da conservação da energia. Esse argumento acha-se condensado no periodo seguinte que tiro do «*Precis de Psychologie*» de Ebbinghaus, pag. 59 (edição franceza):

¹ Fazendo, em Agosto passado, parte dum jury de exames escriptos, tive occasião de notar, logo nos primeiros dias, não obstante serem os primeiros exames a que assistia, que os erros mais flagrantes eram repetidos textualmente pelos quatro ou seis alumnos que por dia, prestavam as suas provas.

A razão era simples: como os erros são, por sua natureza, incompreensíveis e cada alumno depositava mais confiança na sciencia do visinho do que na propria, erro que eu escrevesse, era copiado textualmente por todos os outros.

« Si l'ame peut provoquer une excitation nerveuse, dont toutes les permisses ne sont pas contenues dans l'état immédiatement antérieur des choses et des propres états de l'ame, il y a création d'énergie nouvelle; si elle peut empêcher un fait matériel, dont la valeur énergétique doit encore s'exercer, étant données les circonstances, il y a destruction d'énergie ».

O que se affirmava na transcripção que acabamos de fazer é que a alma não pode modificar as acções do corpo sem produzir ou absorver energia. Por outras palavras: supponhamos dois entes A e B perfeitamente identicos e vivendo em meios igualmente identicos, mas A tendo alma e B não a tendo. Se B soffrêr uma modificação qualquer, segundo o que diz Ebbinghaus na transcripção que d'elle fizemos, a alma de A não pode impedir que A sófra uma modificação identica á de B sem produzir ou absorver energia. Ora esta conclusão que se deduz logicamente do que Ebbinghaus affirma, é falsa: com effeito: sejam U e \hat{U} dois pontos materiaes identicos, infinitamente proximos e sujeitos á acção da gravidade.

N'estas condições U e \hat{U} serão identicos e existirão em meios identicos, visto que existem no mesmo meio.

Deixemos cair U livremente e \hat{U} deixemo-lo escorregar ao longo d'uma linha qualquer. U seguirá uma trajectoria, \hat{U} outra, logo, dizia Ebbinghaus, a curva ou criou ou absorveu energia. A *Mechanica*, porém, diz precisamente o contrario. A affirmação de Ebbinghaus é, pois, falsa porque d'elle se deduz uma conclusão falsa.

Ebbinghaus podia realmente, chamar energia á acção da alma sobre o corpo.

Não é porém, a essa energia que se applica o celebre principio do Roberto Mayer. Ebbinghaus illudiu-se com a significação da palavra *energia* que entra no principio de Mayer, como H. Spencer se illudiu com a significação da palavra *equilibrio* e como, alias, quasi todos os philosophos se illudem quando tentam justificar as suas asserções com as affirmações da sciencia.

Evidentemente que o que se diz d'um ponto, se diz tambem, no nosso caso, d'um systema qualquer dos pontos e portanto do homem.

Vejamos o 2.º argumento:

« Une activité non libre d'êtres particuliers se trouvant avec le corps dans un rapport d'action réciproque, n'est pas non plus vraisemblable. Il faut, en effet, indiquer une seconde raison contre cette représentation d'un instrument et d'une action réciproque : elle est le dernier reste d'une conception essayée partout par les hommes, *mais qui, sans exception, n'a résisté nulle part à un examen approfondi, partout où il était possible de le faire.*

La pensée primitive peuple l'univers entier d'esprits, de démons, de coholds, bref, d'êtres d'espèce psychique, que l'on pensait être, avec les choses environnantes, dans un rapport semblable à celui que l'on établit entre âme et cerveau ; ou les croyait capables de prendre connaissance des faits qui les concernent et d'intervenir en leur cours. A mesure qu'on connut mieux le véritable enchaînement des choses, toutes ces représentations ont semblé puériles et grossières. Les hommes leur ont témoigné la plus grande prédilection et la plus grande partialité : si elles correspondaient en quoi que ce soit à la vérité, cela aurait été puné. Au contraire, la force écrasante des faits, des expériences toujours plus étendues et des examens plus minutieux, ont contraint après des siècles et des siècles les hommes à admettre que tous les phénomènes matériels sont provoqués par des causes matérielles et se prolongent en effets exclusivement matériels, à admettre donc que *toute la causalité dans la nature est une circuit fermé* ».

E', realmente, verdade que o homem attribuia, e o selvagem e as crianças attribuem ainda, uma *alma* especial a cada sêr. No interior d'um rochedo colloca o selvagem um genio, no interior d'uma caverna colloca um demonio. Não é para elle absurdo que haja tristeza capaz de fazer *chorar as pedras*, como lhe não repugna tambem que uma *porta não queira abrir*. A linguagem dos povos cultos tem ainda bem visivel o cunho d'essas antigas crenças. E' bem verdade, tambem, que a esses mytos se attribuiam as mesmas propriedades de alma. Suppunha-se que elles tinham vontade, intelligencia, sentimentos, paixões. As pedras *sentiam*, as portas *queriam*, todos os objecto, enfim, eram susceptiveis d'uma vida interna analogá á nossa. E' bem verdade isso. E tambem é verdade que nós, que crêmos na existencia da alma humana, não crêmos já que as

pedras chorem, que as portas possam não querer, que os rios possam amar ou as arvores possam entender. Mas se Ebbinghaus, do facto de as pedras não terem alma, de as portas não terem alma, dos rios não terem alma, como os primitivos julgavam terem, quer concluir que nós também não temos a alma que nos attribuímos, eu posso também dizer que não temos sensações, que não temos vontade, que não temos intelligencia, porque tudo isso nós attribuímos ás pedras, ás pontes, aos rios e afinal de contas, nem as portas, nem os rios, nem as pedras, teem essas propriedades. As razões que servem a Ebbinghaus para provar que não existe a alma humana, servem também para provar que não existe a vontade, a intelligencia, as sensações, no proprio homem.

E, não obstante a facilidade com que estes argumentos se refutam, são elles os que mais confiança merecem ao proprio Ebbinghaus. Elle mesmo os alcunha de *muito consideraveis* (pag. 58). Por esta amostra, se vê a fragilidade dos argumentos contra a existencia da alma. E não se diz, como o faz ainda Ebbinghaus, que o que é preciso provar é a existencia da alma e não a sua não existencia. Realmente não basta o não se poder provar que uma proposição é falsa para se concluir que ella é verdadeira. O nosso caso é porém, diferente. Nós temos a melhor das provas da existencia da alma que é a intuição de que alguma coisa ha em nós que não pode confundir-se com os nossos nervos, com os nossos musculos, com o nosso sangue.

Ha uma coisa que pensa, que sente, que comprehende e cria o bello, que admira a virtude e que pratica o bem. Alguma coisa que sente e ama a liberdade, que sente e teme a responsabilidade. Quem nos quizer convencer de que a alma não existe, terá de nos provar que essa intuição é falsa, que não passa d'uma illusão, d'uma miragem. A existencia da alma é, pois, uma verdade intuitiva, tão intuitiva como a da nossa propria existencia, se é que essas duas verdades não são uma e a mesma coisa. Quem affirma que ella não existe é que terá, portanto, de provar a sua asserção. Não, nós.

Pacheco d'Amorim

Professor assistente na Universidade de Coimbra.

Commissões paroquiaes ¹

I. — SUA NECESSIDADE

- 1) — A organização dos catholicos, especialmente pela commissão paroquial, é necessaria.
- 2) — Esta organização é moralmente impossivel, muito difficil, dizem todos aquelles que não a tentaram.
- 3) — Esta organização é possivel, surte sempre effeito, affirmam todos os que a experimentáram. Dá resultados inesperados.
Taes são os tres pensamentos que vamos estudar.

1) *A organização dos catholicos, especialmente pela commissão paroquial, é necessaria*

Já que empregamos esta palavra, precisemos bem o caracter d'esta necessidade: não a liguemos a tal forma especial de agrupamento, de commissão paroquial, por exemplo. Não: deixemos um momento de lado os modos particulares que ha de revestir a nova organização. Fixemos a ideia commum a todos os agrupamentos, a ideia — mãe da organização que se substitue á organização concordataria: *a collaboração dos leigos e do clero.*

Eis um ponto vivo a esclarecer.

¹ Do numero de 10 de agosto da *Revue de l'Action Populaire* traduzimos este bello trabalho de G. Desbusquois, que, embora escripto para a França, offerece excellentes ensinamentos para os trabalhos de organização catholica recentemente encetados em Portugal.

Imaginemos um padre na sua paróquia. Duas concepções se apresentam :

1.^a O padre está isolado ; padre zeloso, actuando sobre a sua paróquia, mas sósinho, provendo elle mesmo a todos os interesses paroquiaes ;

2.^a O padre é rodeado por uma *élite* de leigos ; actúa sobre ella, com ella, e por meio d'ella sobre toda a paróquia.

Esta segunda concepção, dizemos nós, impõe-se hoje, é necessaria se o padre quer exercer tão plenamente quanto possível a sua acção, se elle quer dar á vida paroquial toda a sua intensidade.

Porque é necessaria esta collaboração do padre e dos leigos ?

Por muitas razões : primeiro, porque está na natureza das coisas. É muito natural, quando se quer agir sobre um grupo, procurar alliados ou appoios entre esses mesmos que se pretende converter ou tornar melhores. Não é isto o que se faz por toda a parte ? Não é isto o que nós fazemos n'um patronato com os dignitarios, os *antigos* ? No proprio ensino, dando aos melhores alumnos um pequeno papel a desempenhar sobre toda a classe ?

« O padre achou por vezes no seu zêlo sacerdotal o meio de produzir maravilhas : a sua dedicação fez germinar prodigios. Mas até um S. Vicente de Paulo precisou de auxiliares » ¹. É pois, eminentemente util para o padre, ter no seio da multidão paroquial forças auxiliares, isto é, catholicos de eleição que se interessem pelo seu trabalho, um grupo de *élite* que defenda as suas decisões, que seja o seu écho e crie opinião.

Isto é-lhes facil porque, ao contrario do padre, elles estão em immediato contacto com os seus concidadãos, porque actuam directamente sobre elles, porque « as circumstancias dispensam ao leigo certas facilidades que recusam ou regateiam ao padre, porque a sua qualidade de leigo torna mais efficazes as sugestões de certos elementos, porque, enfim, deante d'ella cahem certas muralhas » ².

¹ Mgr. Gouraud, bispo de Vannes.

² Goyau, *Autour du Catholicisme social*, iv, pag. 9.

Porqué ainda? Porque o catholico dará mais largamente o seu concurso, se puder constatar o alcance do seu contributo, se se sentir util, não só ajudando o padre com os seus subsidios, mas auxiliando-o com os seus conselhos e a sua competencia, se elle comprehender melhor os intentos e os projectos do seu pároco. Sem democratizar em nada a Igreja, é incontestavel que a auctoridade — que toda a auctoridade — para se exercer efficaçmente, carece, hoje mais do que nunca, de se fazer comprehender por aquelles a quem se dirige.

Uma razão mais profunda pede que o padre e o leigo trabalhem de accordo: no plano divino, a Igreja, e por consequencia o padre, precisa da sociedade civil para chegar a desenvolver-se plenamente. A intervenção do Estado é normalmente necessaria para permittir á Igreja o cumprimento perfeito da sua missão. N'este sentido, a Igreja tem necessidade de *braço secular*. A sua vida é menos perfeita quando o Estado se separa d'ella, não lhe reconhece officialmente a existencia, a sua natureza de sociedade espiritual, plenamente independente na sua esphera; quando o Estado não lhe dá um estatuto legal que ella tem direito de exigir de harmonia com o seu destino sobrenatural.

Todas as obras humanas reclamam, com effeito, um involucro, um suporte material. Toda a instituição que vive n'este mundo, embora seja espiritual no seu fim e na essencia dos seus meios, toca na terra, appoia-se n'ella, e reclama certas condições de vida terrestre. A Igreja espiritual corporisa-se nos actos da sua vida real. Ora, como poderá fazê-lo a Igreja com segurança se o Estado a ignora e por conseguinte a desconhece? Como adquirir? Como possuir? Como construir templos, edificar as suas fundações, como contractar, no sentido civil d'este termo; e isto com estabilidade, como requer uma instituição que atravessa os seculos?

Os adversarios da Igreja bem sentem a importancia d'esta vida official, reconhecida e protegida pelo Estado. Esperam arruinal'a, reduzir a Igreja á sua vida privada, isto é, fazer com que um acto da Igreja, emquanto Igreja, do bispo, emquanto bispo, do padre, emquanto padre, não tenha força juridica perante a sociedade civil; na sua mente, este isola-

mento legal, terá por effeito impedir o desenvolvimento normal da Egreja, e tornar impossivel a sua penetração na vida exterior da nação.

Esta ideia, sabemos nós que se realisa systematicamente: desde a Separação sobretudo, o plano do isolamento e da impotencia legal vae proseguindo: como devemos oppôr-nos a elle?

A sociedade civil representada pelo Estado, separa-se da Egreja: longe de lhe prestar o seu appoio, furta-se a relações de qualquer ordem e combate-a. A Separação e as suas nefastas consequencias seriam pois, completas, se não houvesse no seio d'essa sociedade uma fracção de catholicos leigos que fiquem formalmente unidos á Egreja. Quem não vê, por consequencia, quanto importa cerrar as fileiras d'esta união, formar agrupamentos de catholicos em contacto com o padre, que o representem n'uma sociedade da qual a Egreja é officialmente irradiada?

Os leigos, esses, estão dentro d'ella como em sua casa; constituem um fasciculo de forças que actúa sobre o Estado, que o Estado attende directamente; defendem a Egreja como um novo braço secular, em virtude d'uma quasi-concordata de ordem privada estatuida entre o padre e esta *élite* de catholicos.

O motivo que acabamos de expôr é capital. Prova, a nosso vêr, — deixando por um instante de lado a questão secundaria da applicação — a necessidade da collaboraçã do clero e dos leigos. Que nos seja permittido insistir ainda, retomando o mesmo pensamento sob uma outra forma. Percorramos para isso as *étapes* da campanha emprehendida contra a Egreja.

A Concordata, falseada na sua interpretação pelo governo, tornava-se gradualmente um meio de bloquear o padre na sacristia. Graças a uma legislação de excepção, a religião desaparecia pouco a pouco da vida publica; mais especialmente, a guerra feita ás obras catholicas, ao ensino, acabava por diminuir a influencia do padre no exterior.

A lei de Separação, com as cultuaes estabelecidas sobre o principio majoritario, não só acantonava o padre na egreja, como tambem permittia aos leigos e ao Estado que a invadissem e dentro d'ella fizessem imposições.

Esse plano de invasão foi afastado.

Comtudo, o Estado, inspirado pela franco-maçonaria, não renuncia á sua ideia; quer impedir o padre de sahir do templo; quereria isolal'o, separal'o d'uma sociedade que estaria estreitamente laicisada, fazer do clero uma casta á parte, sem direitos proprios, sem relêvo, sem prestigio legal.

Trata-se, pois, de rompêr este isolamento, de, pelo contrario, penetrar na sociedade civil, e de ahi reivindicar a plenitude dos direitos que a lei, no plano de Deus, devia reconhecer ao padre, ao menos a situação que de facto pertence a uma instituição social tal como a Igreja, que trabalha pela elevação moral, espirital dos povos. Para isto, ha apenas um meio: união não só entre os padres, mas entre os padres e os leigos. Sem os padres, os leigos não passarão de um rebanho sem chefes nem pastores; sem os leigos, os padres seriam condemnados a um isolamento, esplendido talvez, mas nefasto; formariam um estado maior soberbo, mas sem exercito.

Com os leigos, pelo contrario, com esses leigos dedicados que o sacerdocio por assim dizer fará entrar na igreja para os instruir, os disciplinar e aguerrir, o padre sahirá audazmente da igreja e da sacristia, terá no terreno laico, no seio da sociedade civil em que a Igreja cumpre e realisa a sua missão, aliados e amigos com pleno direito de cidade, de defeza e de conquista; graças a elles, reconquistará mais facilmente a influencia e o logar que legitimamente cabem ao poder espirital.

Parece, pois, desejavel, necessario mesmo, que o padre e o leigo trabalhem de commum accordo. Assim o querem mais do que nunca as circumstancias, assim o recommendam os Soberanos Pontifices e os Bispos.

2) *A organização dos catholicos é moralmente impossivel!*

Ah! muitas vezes, as mais bellas concepções, as decisões mais opportunas collidem, na pratica, com obstaculos quasi intransponiveis.

Será assim no caso sujeito?

E' forçoso convir em que as difficuldades se elevam e

se accumulam. Tendem a estabelecer que esta collaboração dos leigos e do clero — seja qual fôr a sua forma, commissão paroquial ou cantonal — é moralmente impossivel, ou pelo menos tão difficil que na pratica não tem resultado. Seria inutil, ou perigosa, ou chimerica.

Collaboração inutil, dizem uns. O padre é bastante para tudo. — « Isso compéte-me; todo o trabalho religioso me é reservado », pensam certos padres. — « Isso é com o sr. abbade, não é comnosco », repetem certos leigos. — E cada um marcha por seu lado.

Collaboração perigosa. A auctoridade do padre não será exposta ao perigo, não se arrisca a sêr discutida, contrariada? Grave questão que não interessa precisamente a pessoa do padre, mas a auctoridade que elle detem, mas a propria constituição da Igreja.

Collaboração chimerica, irrealisavel. « Não tenho ninguém », dizem certos pastores zelosos que soffrem cruelmente do isolamento forçado da sua acção.

De facto estas difficuldades por toda a parte se deparam. Provocam apprehensões e hesitações. Se o espirito de fé e de obediencia não lhes sobrelevasse, chegariam a tornar pouco efficazes as palavras comtudo tão expressivas, tão formaes do Summo Pontifice e dos Bispos. Poder-se-lhes-ha replicar?

Sim, segundo parece, ouvindo a resposta dos factos. Porque não apellamos, repetimol'o, para a theoria, mas para a experiencia.

Ora, por assim dizer unanimemente, aquelles que se puzêram á obra, affirmam a efficacia d'este trabalho em commum. Respondem estes:

3) *Esta reorganisação dos catholicos é realisavel.
A collaboração dos leigos e do clero que é sua alma,
presta os mais preciosos serviços.*

« Sim, eu era sufficiente para toda a freguezia. O que fazia era bem feito. Agora, graças ao concurso dos leigos, o resultado é melhor. »

Eis a resposta quasi universal da experiencia.

« Eu não hesito em afirmar que a comissão me prestou os maiores serviços. Graças a ella, pude evolucionar assaz facilmente n'um terreno eriçado de difficuldades. Os membros da comissão nas conversas particulares, na officina e nas lojas, são de um grande concurso para corrigirem os juizos erroneos ou reformarem a opinião... Os paroquianos conhecem muito bem as tradições e o espirito das populações no meio das quaes se creáram e crescêram; os seus conselhos não são para desdenhar; é o meio de prevenir enganos sempre possiveis; muitas vezes seria entravado o exercicio do vosso ministerio paroquial por misera questiuncula d'um panno para um caixão, d'uma cadeira, ou d'uma precedencia se um membro da vossa comissão não vos gritasse, n'uma linguagem um pouco brusca, mas marcada por um fundo bom senso: « Cautella, snr. abbade, não se metta em caminho tão perigoso, olhe que não leva a melhor ». ¹

Resalta uma pergunta: esta collaboração do padre e do leigo não paralysa necessariamente a auctoridade sacerdotal? Como é de prevêr, o perigo existe.

Todavia, a situação respectiva do padre e do leigo, precisa-se e dissipa todos os equivocos, se fôr nitidamente definida, desde o principio, a natureza da sua acção commum. No seio da comissão paroquial, o padre e o leigo encontram-se para um fim religioso, associados de qualquer maneira, mas não no mesmo pé de egualdade. O padre está unido ao leigo que, por seu turno, esclarece, secunda o padre, sustenta-o e por vezes até o substitue.

A comissão paroquial, se bem que composta quasi unicamente de leigos, não é uma obra propriamente laica, temporal, cujo fim se confunda com o fim da sociedade civil, tendo por consequencia a sua autonomia perante a hierarchia ecclesiastica.

Não, a comissão paroquial é alguma coisa de essencialmente religioso, cujo fim se identifica com o proprio fim da Igreja; é um organismo dependente immediatamente da au-

¹ Fontaine: *Un comité de paroisse à la campagne, Revue de l'Action Populaire*, 28 de novembro de 1912.

ctoridade da Igreja. N'ella, está o padre em sua casa, o que já não acontece propriamente com os leigos, por isso que estes são acolhidos em casa do padre como o são na igreja ¹.

São conselheiros, auxiliares consultados pelo padre á sua vontade: a este pertence a direcção e a decisão ².

De resto, as expressões *simples auxiliares* que definem o seu direito com um certo vigor, não implicam, de forma alguma, na pratica, relações vincadas de autoritarismo. De forma alguma: elles conciliam-se perfeitamente com a doçura, a amenidade, a cordealidade franca.

Favorecem mesmo estas qualidades uma bôa *entente*, garantindo o respeito pela auctoridade, prevenindo os conflictos que a arruinariam ou tornariam moralmente impossivel o seu exercicio.

Os catholicos mostraram evidentemente desde a Separação, que possuíam o senso da auctoridade: no detalhe da direcção d'uma paróquia como na direcção que preside aos destinos da Igreja, elles comprehenderão que o seu primeiro dever é a obediencia: o espirito de fé ha-de resuscitar e inspirar-lhes-ha o respeito pela hierarchia nos seus actos mais obscuros, sobre o humilde campo d'uma paróquia, como nas suas mais brilhantes manifestações.

G. Desbusquois.

¹ Existe, pois, uma differença radical entre a commissão paroquial e as obras estritamente economicas, taes como as associações profissionaes, que são, por sua natureza, de ordem temporal. O seu fim confunde-se em ultima analyse com o fim da sociedade civil.

² *Initiatives: un comité de paroisse à la ville*, p. 27. Instinctivamente, os catholicos comprehendem esta funcção de collaboradores cujo primeiro dever é a humildade; equivalentemente, elles dizem aquillo que respondiam ao P. Abelé os futuros membros da sua commissão paroquial: « Nous n'avons aucune compétence, nous laïques, nous qui sommes *du civil* pour fourrer notre nez dans vos œuvres, dans votre organisation paroissiale. Nous ne voulons pas les Gros-Jean qui en remontent à leur curé. »

O prejuizo agnostico

O problema que mais interessa á humanidade — o problema religioso, que o materialismo grosseiro d'outros tempos desdenhosamente affectava desconhecer, voltou nos ultimos annos a apaixonar vivamente os engenhos e talentos mais insignes, ao mesmo tempo que se vae repercutindo, com enthusiasmo sempre crescente, no proprio campo da acção social e na ingénua alma popular.

As discussões a que elle tem dado logar derradeiramente, o renascimento d'uma forte corrente espiritualista, nas fileiras intellectuaes da velha Europa e da jovem America, e a penetração lenta mas gradual das ideias éticas e moraes nos programmas das proprias hostes marxistas a par do abandono dos desacreditados methodos revolucionarios em proveito da tactica reformista, são outros tantos sintomas de uma profunda renovação scientifica e social, fagueira e auspiciosa.

Todavia não se julgue que os dirigentes do pensamento contemporaneo accordaram do prolongado somno de tantos annos de materialismo entorpecedor para saudarem, alvoroçados, o «Deus eterno, o Deus imenso, sapientissimo e omnipotente», que o espirito penetrante e perspicaz do grande naturalista Lineu surpreendeu no estudo imparcial da natureza,

Na litteratura philosophica hodierna invoca-se com mais frequencia o nome ineffavel de Deus, interroga-se com insofrivel anciedade e discute-se com maior calor o mysterioso e complexo problema do *alem*, que antes de ser um preceito imposto pelas leis do estado moderno a *neutralidade* escolar.

Mas, em compensação, reduz-se o mundo a uma ininterruta successão de fenómenos — uma fita cinematographica de phantasmas fugidios —, afaga-se a estulta esperanza de fundar uma «psychologia sem alma», e, sobre os destroços dos antigos sisthemas metaphisicos, desacreditada a razão especulativa, affirma-se timidamente a existencia de um Ser imperscrutavel, imanente no Universo, mas *incognoscivel*, quando não se affecta simplesmente, a respeito do *ultramundano*, uma ignoran-

cia *sisthemathica* e calculada. O *deus* da philosophia moderna fica infinitamente áquem d'aquelle verdadeiro Senhor que de facto preside á evolução material e moral do mundo...

E' que a philosophia de Kant e tambem a de Comte vincou profundos traços na alma da geração precedente; e, ao soerguer-se oppresso acima da atmosphera materialista do século passado, o pensamento contemporaneo resente-se visivelmente d'essas taras ancestraes que lhe obtundem a natural acuidade, á maneira d'aquellas mysteriosas «escamas», que velaram transitoriamente a vista penetrante do genial Apostolo, ao abandonar o pantano do judaismo, no caminho de Damasco.

E' que, finalmente, a orbita do pensamento é longa, e a sua marcha ascencional pezada, vagarosa e timida.



São quatro, fundamentalmente, os *sisthemas philosophicos* que n'este nosso seculo disputam o dominio das intelligencias: o positivismo, o neo-kantismo, o monismo e a neo-escolastica.

Das duas primeiras escólas, que aliaz contam entre os nossos compatriotas valiosos discipulos, pretendo occupar-me aqui. Fa-lo-hei, porém, no intuito exclusivo de mostrar, em traços fugitivos e muito sobrios, os *prejuizos* de escola a que obedecem uns e outros, quando se permitem bolsar epithetos injustos sobre os defensores da metaphisica tradicional, gloria das escólas medievaes.

O positivismo, invocando o testemunho da experiencia sensivel, o unico a que presta fé, e o criticismo kantiano, apellando para a estructura natural das nossas faculdades cognoscitivas, pretendem coarctar a esphera do saber humano dentro dos limites do *sensivel*: para alem do *sensivel*, é o absoluto, a obscuridade profunda, o mysterio insondavel. Por isso tem-se dado ao neo-positivismo e ao neo-kantismo o nome commum de *agnosticismo* (=incognoscivel), ou seja «*philosophia do incognoscivel*»; vocabulo este introduzido por Huxley e vulgarizado ulteriormente por Spencer.

Mas, quaes são os motivos que o positivismo invoca para

excluir o supra-sensível ou imaterial do terreno philosophico? Será fundado o odio que elle vota á metaphisica?

A bem dizer, o positivista, sobre este ponto, é dogmatico: não discute, affirma. Assenta *a priori* este canon fundamental: *só o sensível e material pode ser objecto do nosso conhecimento*, e sobre elle levanta o seu edificio philosophico.

Ora a verdade é que nada ha mais inevidente do que um tal postulado.

Por um lado, com effeito, a consciencia attesta-nos, com a maior clarividencia, que o objecto da intelligencia não é o *ser sensível*, mas o *ser*, simplesmente. E' este um *dado* da experiencia que somos forçados a acceitar, como tal.

Deante de mim tenho, n'este momento, n'este logar, um triangulo de metal branco. Separemos mentalmente d'este objecto sensível a côr, as condições de logar e de tempo, em que o observo, a mesma materia de que é formado (metal). A consciencia diz-me que alguma coisa me resta ainda no espirito — a noção *de* triangulo.

A toda e qualquer figura de tres angulos e tres lados, seja qual fôr a sua materia componente, a côr, o logar e o instante em que a considere, eu posso applicar esta noção, que não é portanto uma noção *vasia*, senão prenhe de conteúdo.

E' ainda um *facto* revelado pela consciencia, que eu posso continuar este trabalho de abstracção mental, separando successivamente do objecto não só a figura e a quantidade, mas todos os attributos proprios d'uma determinada categoria de seres. Ao cabo d'esta analyse reflexa, protraída quanto possivel, interrogo de novo a consciencia, ella certifica-me de que *alguma coisa* ficou ainda no espirito — o *ser*. O conteúdo do meu pensamento não é agora o *triangulo*, mas o *ser*, sem adjectivação, *uma coisa*, « hoc aliquid ».

Evidentemente, tanto que a creança ou o homem feito interroga curioso: que é *isto*? que *coisa* é esta? — elle pretende que se lhe aclare aquillo que aprendeu confusamente sob a generalissima noção de *ser*, *coisa*. O conteúdo do seu pensamento não é pois sensível, nem suprasensível; elle é simplesmente o *ser*, primeira noção que a intelligencia apprehende confusamente nos objectos e ultimo

residuo do trabalho analytic do pensamento sobre o conteúdo das proprias ideias.

Ora o ser, como tal, é independente da *materialidade* ou *imaterialidade* das coisas; elle abstrae de toda a determinação e individualisação ulterior.

D'onde se segue que o objecto da intelligencia — o ser — não é necessariamente affectado pelos caracteres da materialidade. E, se o não é, a proposição fundamental dos positivistas, base do seu methodo phylosophico, não é evidente *a priori*. Fundar sobre ella o seu methodo proprio, e, em nome d'este, restringir systematicamente as investigações phylosophicas ao terreno experimental, o mesmo é que assentar o proprio edificio phylosophico sobre um *postulado inevidente*. E' proceder anti-scientificamente, em summa.

Por outro lado, o canon positivista implica a identificação arbitraria do *ser* e do *ser sensivel*, ou corporeo.

E' intuitivo que estas duas ideias — ser e ser sensivel — não possuem a mesma comprehensão logica, visto como o attributo *sensivel* ajunta ao *ser* uma restrição que o ser, como tal, não encerra.

E, se a não encerra, é *arbitrario* suppô-la.

A proposição fundamental do positivismo, importando a identificação do *sensivel* com o *cognoscivel*, é pois inevidente e não póde admittir-se sem provas.

Sem duvida, do que fica dito não póde inferir-se a possibilidade positiva, ou a existencia do suprasensivel, e por conseguinte a sua positiva cognoscibilidade.

O que tão sómente se quiz provar é que não é evidente *a priori* a impossibilidade intrinseca do suprasensivel e portanto a impossibilidade do conhecimento hiperempyrico.

A *existencia* do imaterial tem certamente de ser provada por outra-via; mas o positivismo não tem o direito de recusar-se *a priori*, em nome simplesmente da analyse ideologica, a ouvir as provas da sua existencia, tanto que alguém se promtifique a fornece-las.

Ora a pretensão da metaphysica tradicional escolastica é justamente a de, collocando-se no terreno dos factos empiricos, mostrar que, n'esse mesmo terreno, se o imaterial não existe, a contradição impõe-se irremediavelmente.

E, se o imaterial existe, evidentemente elle é possível e os direitos da metaphysica estão salvos.

Bem sei que um discipulo de Spencer poderia objectar: Sim, não ha duvida que, illiminar *a priori* da provincia do saber os seres imateriaes, é proceder com opinião antecipada.

Mas o conhecimento que podemos obter d'esses seres é, na realidade, desprovido de character scientifico.

Só o que é susceptivel de contar peso e medida pode ser objecto d'um conhecimento certo e positivo.

Tudo o mais, que se esconde misteriosamente por detraz do sensivel, será eternamente, para nós, um enigmatico e imperscrutavel.

O pouco que podemos saber d'essa misteriosa incognita, permittir-nos-ha, quando muito, denominal-o o *Incognoscivel*.

Observarei, em replica, que, effectivamente, na acepção exclusivamente experimental da *sciencia*, e é n'este sentido exclusivista que hoje se toma geralmente este vocabulo, as demonstrações metaphysicas não podem chamar-se *scientificas*; serão *extrascientificas* ou *suprascientificas*, e, em todo o caso, *rationaes*; mas não *antiscientificas*, nem tão pouco propriamente *scientificas*.

Concede-se ainda de bom grado que o imaterial não é cognoscivel do mesmo modo, nem pelos mesmos processos que o material. E por consequencia, se só o conhecimento empirico é *scientifico*, o imaterial, maximé a alma espirital e Deus, não será objecto da sciencia. Esta — a sciencia empirica — poderá, quando muito, *suspeitar* da sua existencia e *entrever* a sua cognoscibilidade, poderá mesmo admittir a existencia do imaterial como um *postulado* necessario, sem comtudo alimentar a esperanza de o demonstrar e de o conhecer *scientificamente*. No campo estritamente experimental e dentro do seu metodo peculiar, para o *sabio*, o imaterial será simplesmente o *Incognoscivel* . . .

Estamos d'acordo. Sómente nos parece arbitraria uma tal restricção da sciencia. E, seja ou não arbitraria essa linguagem, o que não pode é negar-se ao methodo e ás conclusões da metafisica escolastica o cunho d'uma autentica certeza. Scientificas ou simplesmente rationaes, ellas são rigorosamente certas, d'uma inegavel certeza objectiva, e isso lhes basta.

E quanto á limpidez d'este conhecimento racional acerca do imaterial, não pode certamente contestar-se a dóse de verdade contida n'estas palavras de Bernardes: «os nossos conceitos, a respeito da verdade das coisas, são como as sillabas a respeito da palavra, que a começam, mas não a acabam de declarar». Forçada pela sua mesma natureza, a elaborar o conceito sobre os dados dos sentidos, a nossa intelligencia não attinge *positivamente* o imaterial, que aos sentidos escapa, senão o que n'elle ha de commum com o sensível — como sejam a entidade, a unidade, actividade...

Os traços *proprios* e distinctivos dos seres espirituaes — a simplicidade, imensidade, o modo de occupar o espaço e semelhantes — só os apprehende a intelligencia por via de *negação e analogia*.

O nosso conhecimento do metempirico é pois, inquestionavelmente, analogico e negativo, não já positivo e proprio.

Mas, apesar de imperfeito e inadequado, nem por isso deixa de ser real e verdadeiro.

Especificando, com effeito, estes nossos conceitos analogicos, originariamente tirados do mundo material, por meio d'uma negação, attribuímos-os, assim diferenciados, aos seres espirituaes.

Sem indicarem então o que de proprio pertence a estes seres, elles extremam-nos sufficientemente, a elles se restringem e d'elles dão um conhecimento, inadequado sim, mas verdadeiro e sufficiente.

— E, por parte do criticismo kantiano, qual é o motivo determinante do seu odio á metaphysica? O kantismo dormiu o somno do esquecimento na Allemanha durante trinta annos (1830-1860).

O « regresso a Kant » desenhou-se a partir de 1860, no intuito de impedir que o saber humano fosse sepultado na derrocada do materialismo. Foi Lange o que primeiro lançou o pregão na Allemanha culta. Hoje as doutrinas kantianas impregnam toda a philosophia allemã, em grandissima parte, a philosophia franceza, ingleza e tambem a portugueza. Póde mesmo dizer-se que elle é, actualmente, professado, sob uma ou outra forma, em todos os paizes do mundo.

Kant, que teve por mestres Leibnitz e Heune, fundou o

seu systema philosophico no intento de salvar o pensamento humano do scepticismo. Em consequencia da sua *critica da razão pura*, Kant abateu o primado da razão especulativa, e, com elle, cavou a ruina da metaphysica. Derruida a metaphysica, o philosopho de Koenigsberg pretendeu, no emtanto, salvar e impôr pela *razão pratica* aquellas idéas e aquellas verdades que são o fundamento da moral e da vida social. Vã e illusoria foi a obra constructora de Kant, porque os seus discipulos, assim como approvaram a critica dissolvente feita á razão pura, assim reconheceram insufficiente e ineficaz o imperativo cathegorico da razão pratica. Hoje, todos são unanimes em applaudir a sua obra negativa, mas, ao julgarem da parte constructiva, a unidade de vistas desaparece, para dar logar a um infinito cortejo de systemas — imanentismo, voluntarismo, empirio-criticismo, pragmatismo...

Kant, pretendeu apontar o verdadeiro motivo da esterilidade e immobilidade da metaphysica, comparada com o avanço progressivo e incessante das sciencias experimentaes. E igualmente acalentava a esperanza de cortar radicalmente o passo ao scepticismo. O resultado do seu esforço não correspondeu comtudo ao que o celebre philosopho esperava, quer na ordem pratica, quer na especulativa. N'aquella, o resultado pratico foi justamente o scepticismo, ou coisa equivalente; n'esta, foi o agnosticismo, que é afinal um scepticismo peor que o antigo. Simplesmente um grito de desespero da razão humilhada, em face do indecifrável *noumeno*. O grito de desespero é ainda aquelle fructo do pensamento kantiano, que a historia baptisou com o nome de *Pessimismo* e de *Nihilismo*.

E o que a historia do kantismo attesta, a razão o previa.

De feito, Kant permittiu-se fazer a critica da razão pura, e chegou á conclusão de que ella é incapaz de nos fornecer um conhecimento certo do ultraphenomenico.

Mas, de que se servira Kant para fazer a critica da razão?

Da propria razão. Porque no homem não ha duas razões, uma que faz a critica e outra que se deixa criticar. É logo a razão que critica a razão. E, n'esse caso, uma de duas: ou os juizos da razão não teem valor algum, e então tambem d'elle carece a sua critica; ou teem realmente valor, e então nada conclue a sua critica contra a mesma razão. Por outros

termos: se nada valem os conhecimentos racionaes, nada vale a critica de Kant; se algo vale a sua critica, valem por igual os conhecimentos racionaes, enquanto se contradistinguem dos empiricos.

É, pois, necessario reconhecer o valor cognoscitivo da razão especulativa, ou renunciar por igual ao conhecimento experimental, e abraçar o scepticismo.

Nem vale aqui o appello á consciencia, porque ella é a mais formidavel clava contra o criticismo.

A consciencia nos assegura, ella mesma, da objectividade do nosso pensamento. Ella attesta-nos, com a maior clarividencia, que percebemos *qualquer coisa* distincta do nosso pensamento e a elle correspondente.

Quando eu passeio no meu jardim, aspiro o aroma das flôres, observo o movimento do sol e escuto o trinado das aves, eu tenho a consciencia de ser *passivo*, de receber impressões de fóra, cuja causa, sendo-me exterior, não posso repôr em mim só.

Ora para o philosopho da escola de Kant, é falso que nós percebamos no nosso conhecimento qualquer coisa distincta do nosso pensamento — uma realidade objectiva correspondente á idéa subjectiva: é illogico que se deem principios objectivos do conhecimento, distinctos dos principios formaes, das formaes *a priori*, ou leis subjectivas. De modo que, attendo-nos aos principios de Kant, teriamos uma intelligencia e uma consciencia determinada a perceber como objectivo aquillo que é estrictamente subjectivo — uma intelligencia estruturalmente determinada ao erro.

Nem a affirmação de que a verdade consiste na conformidade do pensamento com as suas leis, isto é, consigo mesma, salva o Kantismo do irremediavel naufragio, pois ella não passa, no fim de contas, de pueril tautologia.

Dizel-o é, em verdade, asseverar que o pensamento é verdadeiro quando é verdadeiro.

Se devessemos discernir o verdadeiro do falso com as leis do pensamento, jámais sahiriamos d'este circulo vicioso. Elle é de resto a propria essencia do Kantismo — a contradicção e o arbitrio.

Antonio Martins Junior,

professor no Seminario Conciliar de Brage.

O Ensino

Breves reflexões sobre a sua base geral e o estado actual da instrucção official portugueza.

I

Mens sana in corpore sano, tal a celebre maxima de Juvenal nas suas satyras e que, ainda hoje, deve ser a base fundamental de todo o Ensino.

A superioridade do homem sobre todos os seres creados do mundo sensivel está no seu espirito, na sua alma, verdadeira imagem do Creador, no sublime e simples dizer das Sagradas Paginas. É pela actividade da sua alma que elle, á luz da justa razão se eleva á ideia de Deus; domina, dirige e se apropria das forças naturaes que revestem de intenso brilho e esplendente civilisação material contemporanea, fructo de pacientes estudos do seu espirito, das fulgurações do seu genio; é sobretudo, pela noção moral, impressa no seu ser, alicerce do direito natural das sociedades, que o homem se distancia, não em grau, mas especificamente, de toda a serie animal.

Mas para que o homem lentamente desenvolva as faculdades moraes, intellectuaes e physicas de que o dotou o Omnipotente, necessita d'um Ensino assente no citado pensamento do insigne satyrico latino, isto é, possuir *uma alma sã, servida por um corpo são*. — D'aqui se infere o triplice fim do verdadeiro Ensino no individuo e, por consequencia, na Sociedade, á qual deve ser ministrado: — *formação de character, disciplina intellectual e cultura physica*.

Os dois primeiros objectivos produzem a *mens sana*, o terceiro forma o *corpore sano*, os dois primeiros constituem a *Educação Moral* e a *Instrucção*, o terceiro encerra a *Hygiene*.

O Ensino é necessario, porque sem elle o homem ficaria o ente mais fraco, mais desprovido de defeza no incessante

trabalho pela vida, d'entre todos os seres creados, sem elle permaneceriam latentes e atrophiados os dons com que, magnanimemente, Deus o dotou, mostrando ainda esta instante necessidade do Ensino, exclusivo apanagio do genero humano, esse facto consignado na historia de todos os povos: *a sua decadencia d'um primitivo estado de perfeição*, o abatimento d'esse sublime remate e cupula do mundo sensivel, que a Religião, a Theologia catholica assignala sob o nome de *peccado original*.

É essencialmente d'este facto mysterioso, mas real, que d'uma forma nitida se vislumbra atravez das edades subsequentes do genero humano, philosophia de toda a historia, que deriva a sua importancia, com uma directriz certa, assente nos moldes que a Religião, a Philosophia e a Sciencia prescrevem.

D'esta queda primitiva resultou ficar o homem carecido d'amparo efficaz que o preservasse, ou d'uma morte certa logo ao soltar os primeiros vagidos, ou de se transformar em besta-fera pelo abuso das suas faculdades animaes e phisicas, ou illicito exercicio d'uma liberdade vasada n'uma morte de Educaçãõ e indisciplinada Instrucçãõ, em summa, n'um Ensino não assente nos eternos dictames que dão e conservam a saude da alma — *mens sana* —.

Este esteio, este amparo e protecção tem-no o homem na Familia, cellula social, sem a qual estava condemnado a morrer no berço; *na sociedade civil* que faculta o seu ultimo desenvolvimento, cuja missãõ é, ou deve ser, o facilitar-lhe o seu livre e disciplinado aperfeiçoamento moral e intellectual; *a sociedade religiosa*, remate das duas primeiras, que dicta os deveres superiores do homem para com a Divindade e para com os seus semelhantes, imprimindo-lhe o verdadeiro sello da sua realeza na Creação.

Todas estas sociedades distinctas, mas subordinadas umas ás outras pela sua cathegoria cada vez mais elevada, se vinculam pelo *Poder*.

A *Familia* ou sociedade domestica, vincula-a o *poder paterno*, a *sociedade civil* personalisa-a o *poder civil* ou o *Estado*, a *sociedade religiosa* emfim, representa-a a *Egreja Catholica Apostolica Romana*, em que pese a todas as seitas religiosas e laicas, porque Ella é de direito e de facto o *mestre da Historia*, a *corõa do espirito* e a *thiara do Mundo*, como eloquente-

mente a definiu essa grande e *luminosa* mentalidade que se chamou Emilio Castelar.

D'accordo com os philosophos e pedagogistas modernos, eis como consideramos o Ensino, cujo fim se synthetisa na judiciousa sentença do notavel poeta pagão — *promover a saude da alma, d'harmonia com a do corpo* ¹.

Qual a funcção do Estado moderno em materia d'ensino, a directriz que elle tem tomado em Portugal, o modo como o ministerio d'Instrucção, orgão do Estado portuguez em assumptos d'Ensino, a tem exercido, contra todo o direito e principios sociaes hodiernos, impondo uma norma unica e facciosa, explanação será para outro ou outros artigos, por ser materia que requer mais amplo desenvolvimento do que o que comporta d'um só artigo.

E julgamos ser isto util, certos como estamos de que um dos primaciaes factores da temerosa decadencia da familia luzitana, da crise moral, da falta de character e de indisciplina intellectual, n'uma palavra do estiolamento da raça que desce d'alto a baixo na nação portugueza, origina-se na falsissima orientação dada ao seu Ensino.

Porto, 5 de Dezembro de 1913.

Antonio J. d'Almeida C. Lemos Ferreira.

OZANAM

A' força de repetida em todos os tons, é já banal a accusação impudente de que nós, os catholicos, preocupados tão sómente com a fidelidade ao dogma, somos como ess'outras rochas graniticas das nossas montanhas, inertes e insensiveis

¹ Vide — *Élie Blanc* — Philosophie scholastique — 3 vol. Paris 1909 — *Ferreira Deusdado* — Educadores Portuguezes — Coimbra 1910 — *H. Moquillon* — L'art de faire un homme — Paris 1912.

às luctas agitadissimas que á roda de nós se ferem no mundo moderno do trabalho. A julgar pelas palavras dos inimigos tresloucados do codigo social da Igreja, ella, agarrada ao espirito tradicionalista, ter-se-hia deixado arrastar na torrente dos acontecimentos e a reboque d'elles, e só muito tarde e a deshoras, quando a acuidade do conflicto era por demais clamorosa para que pudesse ser abafada pelo sussuro dos nossos templos e pelo psalmodear plangente e monotono dos ministros sagrados, é que ella a Igreja, obedecendo menos a um impulso de justiça e amor maternal, do que a um sentimento egoista de conservação, teria volvido os olhos, aparentemente compassivos, para as turbas esfaimadas em lucta aberta pela sua emancipação economica e social.

E todavia os factos desmentem eloquentemente a these socialista, que vem assim a concretizar-se particularmente no terreno social.

Não preciso de emprehender longa, e aliaz facil, peregrinação aavez da Belgica, da Allemanha e da França contemporaneas em demanda de subsidios que abonem a minha asserção.

Na propria França revolucionaria da primeira metade do seculo passado, exactamente na epocha dos primeiros movimentos populares, apöz a que se convencionou chamar a *grande Revolução*, espero encontrar elementos de prova a favor da attitude nobilissima, leal, e generosa e desinteressada do catholicismo em favor das classes populares.

*

* *

Um homem symbolisa a iniciativa catholica em materia social e encarna o pensamento social catholico em face do movimento democratico dominante em França no tumultuoso periodo que decorre de 1834 a 1853. E' *Frederico Ozanam*.

Nasceu Ozanam em Milão, então cidade franceza, aos 23 de abril de 1813, e com seu pae, que se recusava a viver ali sob o dominio austriaco, passou ao depois para Leão. Ahi foi educado o jovem Ozanam, sendo a sua primeira escóla o santuario do lar domestico.

De seu pae, bravo e glorioso official do exercito, coberto pelos louros de vinte batalhas e ao depois, mercê dos revezes da fortuna, negociante e medico, successivamente, herdou Frederico a alma combativa e o amor á beneficencia e ao trabalho, e de sua mãe a doçura e a resignação christã — virtudes indispensaveis a um homem que havia de encarnar n'aquelle periodo de luctas interminaveis as aspirações da alma nacional francêza.

Talento precoce e piamente plasmado, primeiro sob a vigilancia paterna, e depois sob a direcção de Noirot, seu professor de philosophia, Ozanam prepara-se para exercer o seu duplo apostolado: intellectual e o apostolado social.

APOSTOLADO INTELLECTUAL

O joven leonez deixa a sua terra adoptiva e dirige-se a Paris: vae entregar-se ao estudo do direito na Sorbona. Paris será d'oravante o campo destinado pela divina Providencia para theatro da sua fecunda e inexgotavel actividade.

Quando Ozanam chegou a Paris, diz Lacordaire n'uma bella pagina sobre o estado da França n'aquelle tempo, quando Ozanam chegou a Paris, sahia-se da guerra terrivel que a opposição politica havia movido á religião em nome da liberdade. Tudo na mão d'esse partido tinha servido de arma contra o christianismo: a tribuna, a imprensa, o magisterio, a poesia; e para maior calamidade nenhuma voz popular (affecta á causa popular) se elevava a favor de Christo, durante a tempestade; não já que á Igreja franceza faltassem oradores e escriptores, mas porque por uma inexplicavel illusão d'optica sociologica todos haviam marchado, de bandeiras desfraldadas, no sentido contrario áquelle que reclamava a nação.

Ao lado d'estes grandes espiritos sem influencia no coração do povo, a Igreja tinha tido por defensores homens inha-beis, d'aquelles que exaggeram as faltas e os erros dos outros pensando com isso tornar-se fortes e que, com as melhores das intenções, comprometteriam o proprio Deus, se elle podesse ser compromettido. Julgue-se, entre estes dois campos, da sorte das gerações novas condemnadas a um ensino que

não dissimulava a sua hostilidade; ellas sahiam da infancia despresando o Evangelho, e a liberdade, correndo deante d'ellas, velava com a sua imagem generosa a impiedade que as devorava. O resto, isto é algumas almas que haviam escapado por accaso á derrocada, encontravam-se agasalhadas e recolhidas n'alguma associação de piedade protegida por nomes illustres, e onde o respeito, que lhes parecia promettido como recompensa da sua fé, atraía sobre ellas a suspeição, o odio e o insulto. Então, já nem este fragil e doloroso edificio subsistia: a revolução de 1830 tinha-o demolido, e Ozanam chegava puro, sincero, ardente ao meio d'um abysmo vasio e mudo ».

Tal era magistralmente descripto o terreno onde Ozanam se propunha lançar as bases do edificio futuro; taes as circumstancias religiosas, politicas e sociaes da França de então, e ainda — creio não exagerar — do nosso Portugal d'hoje!..

Como descer a este abysmo? Como reedificar n'este vacuo insondavel o desmoronado edificio religioso? E como fazer echoar n'este silencio sepulchral a sua voz eloquente de profeta?

Impunha-se um inquerito ao ambiente social. Tornava-se indispensavel estudar o valor numerico e estrategico das forças inimigas e as suas posições, o valor e a disposição das forças fieis.

E eis como Ozanam se exprime a respeito d'estes ultimos, n'um diagnostico que diriamos escripto para nós, os portuguezes meditarmos n'esta quadra lugubre que atravessamos.

«Ha entre nós, escreve elle a um amigo, muito boas intenções, muitas aspirações generosas, mas pouca resolução e ainda menos perseverança. Vejo á roda de mim intelligencias elevadas, vontades rectas, mas poucos *caracteres*. De todos os dons do Espirito Santo aquelle de que principalmente carecemos é da *grandeza d'animo, da força*. Conhecemos tão pouco este dom sobrenatural que muitos julgam possuil-o, só porque usam da violencia e do assomo, que são ao contrario, como tudo quanto é convulsivo, provas de inferioridade e de fraqueza ». E a seguir Ozanam constata com immensa dôr as desconfianças e recriminações mutuas entre os elementos catholicos, a irreverencia, a audacia de uns em se constituirem publicos mentores dos seus Prelados, a indifferença criminosa

de outros em face da irritação dos maus elevada ao rubro, e da sagacidade dos partidos politicos que iam tirando vantagem das controversias religiosas e aproveitando-se das discordias e da indisciplina das forças catholicas.

Em face de perspectiva tão pouco tranquilisadora, e que tem mais de um traço de semelhança com a nossa afflictiva situação presente, uma nova tactica se impunha. Tornava-se necessario um novo methodo de proselitismo adaptavel ás novas gerações e aos homens, que de boa fé, tivessem permanecido victimas da ignorancia e dos prejuizos.

A' fé christã pedia Ozanam as grandes linhas directrizes do seu programma: reconduzir a sociedade a Christo. Mas como consegui-lo, como fazer penetrar a fé no coração do povo se elle a regeitava com desdem, ou a abafava pela indifferença?

As doutrinas materialistas, descendo das altas espheras universitarias tinham-se infiltrado, sob o manto seductor da liberdade, no coração das camadas populares, e Frederico Ozanam, que era um *intellectual*, no sentido mais nobre da palavra, não podia ignorar o magico influxo da razão e da sciencia na accitação das verdades da fé, principalmente n'um seculo que se impavezava com o titulo pomposo de *scientifico*. O caminho estava, por isso, naturalmente indicado. E Ozanam volta-se para a juventude no intuito de formar uma *elite intellectual catholica*, dota-la com uma rigorosa disciplina mental que a tornasse crédora da confiança do pensamento contemporaneo e capaz de ser lançada ao meio do mundo do trabalho, como mediadora e mensageira da paz.

« Por isso que os catholicos são atacados, escrevia elle, é mister que elles se façam respeitar em todos os campos: na politica, nas sciencias, nas artes. E' preciso assaltarmos e asenhorearmo-nos dos espiritos por todos os lados, já que por todos os lados elles foram corrompidos. Mostraremos que todas as verdades nos interessam, que queremos o progresso de todas as luzes legitimas; e que ainda no fragor dos combates temos a alma assaz serena para cuidar dos interesses pacificos do estudo ».

Fiel ao seu programma, Ozanam é, desde os primeiros annos da sua estada em Paris, um assiduo frequentador da

Société des Bonnes Etudes, e, como não se contentasse com resistir ao ensino impio, mas desejasse robustecer cada vez mais a sua fé, consegue do Padre Gerbet uma serie de conferencias na *Sociedade dos Bons Estudos*. D'aqui, haviam de nascer mais tarde as conferencias de Notre-Dame, que Lacordaire inaugurava aos 8 de março de 1835.

Desejoso de responder aos ataques que mais insistentemente se assacavam contra a Igreja, Ozanam comprehendeu os recursos que offercia ao catholico o estudo desapaixonado da historia da Igreja, mormente durante a idade media. Precisamente, o romantismo tinha diffundido o gosto pelas reconstituições medievas, e comprazia-se em apontar o christianismo como responsavel por todas as desordens d'aquella época, em que elle exercêra o seu soberano dominio sobre todos os corações.

Mostrar portanto o poder da inspiração religiosa n'um periodo onde os eruditos rebuscavam documentos d'arte, architectura, costumes e linguistica, era forçar os homens cultos a amar o ideal creador de tão assignalados monumentos.

« Toda a irreligião em França procede ainda de Voltaire, raciocinava Ozanam, e eu não sei que Voltaire tenha maior inimigo do que a historia. Rasguemos o veu que a calumnia estendeu sobre as figuras dos nossos paes na fé, e, quando estas bellas figuras resplandecerem com todo o seu brilho, veremos se as multidões não occorrem a venera-las. Ora as multidões são mais consequentes do que aquelles que blasonam de sabios; ellas não sabem, como estes, dispensar uma admiração fria e calculada; ellas não sabem venerar sem amar e não amam sem crêr. Affastaram-nas de nós accusando; forcemo las a julgar-nos; ellas serão assaz justas para nos absolver, e generosas para reparar o seu erro ».

Não foi baldado o appêlo de Ozanam ao pensamento ancestral: trinta annos volvidos deveriam comprehende-lo e secunda-lo os catholicos sociaes sob a direcção do Conde de Mun, e depois os proprios socialistas, desenterrando do pó dos seculos verdadeiros modelos de justiça e de organização professional. A Ozanam cabe a gloria de ter sido o iniciador d'este movimento restaurador dos espiritos. Dos vastos recursos do seu espirito accumulados á custa de um trabalho

perseverante e intenso, usou Ozanam em todas as emergencias criticas para a sua patria, ou para a sua fé. Jámais se feriu campanha alguma no seu tempo em França, sem que a espada da sua eloquencia, cortante, incisiva, sahisse a misturar-se ás dos defensores dos eternos principios da verdade e da justiça.

A quando o professor de Sorbonna tomou parte preponderante na lucta a favor da liberdade de ensino, apezar da delicada situação official, que elle aliaz soube conciliar com a sua vigorosa acção de polemista. Durante a sangrenta revolução de 1848, Ozanam lá está envergando o uniforme da guarda nacional, e inspirando actos de heroismo como o do Mons. Affre, arcebispo de Paris, nas tragicas barricadas de junho.

Quando a 25 d'esse mez a revolução ensanguentava as ruas de Paris, e enchia de anciedade e de lucto o coração da população franceza, Ozanam dirige-se ao Paço Archiepiscopal e sugere a Mons. Affre o pensamento de intervir pessoalmente afim de apasiguar o delirio popular. O santo prelado acolheu, com aquella grandeza de animo que Ozanam esperava, o pedido de mediação, e, quando Mons. Affre expirava heroicamente sobre a barricada popular gritando: « que o meu sangue seja o ultimo derramado! » Ozanam podia affirmar, a despeito da dôr immensa que o torturava, que, melhor que ninguem, havia comprehendido n'aquella hora a sublime missão do padre, e, que, por sua intervenção, tinha concorrido para a glorificação do sacerdocio.

Bello episodio da sua vida escolastica — e que não devo passar aqui em silencio porque é um estimulo para a nossa população academica — é o da sua imperterrita attitude perante os audaciosos ataques de um dos porta-vozes da impiedade n'aquella remota quadra.

Era Ozanam alumno de direito na Sorbonna. Jouffroy, o tristemente celebre Jouffroy, seu professor, permittiu-se n'um bello dia atacar, do alto da cathedra universataria, a Revelação divina contestando mesmo a sua possibilidade. Respeitosamente Ozanam contradicta-o enviando-lhe as suas observações por escripto. O philosopho promette retorquir-lhe.

Ao cabo de 15 dias *de ponto*, como nós diriamos, volta ao assumpto em cumprimento da promessa, e finge dar uma

resposta que aliás degenerou em novo e agressivo ataque. Senhor da sua posição, o jovem estudante articula nova resposta á qual o professor treplica, mas sem lhe alludir, nem a lér, investindo de novo contra o christianismo que apresenta como inimigo da sciencia e da liberdade.

Não podia suportar a afronta a alma vigorosa do jovem alumno, tão humilde a respeito de si mesmo, como altivo ou indomavel quando o exigia a sua condição de soldado intrepido de Christo. Redige terceiro protesto que faz assignar por 15 condiscipulos e companheiros de lucta e endereça-a a Jouffroy. O professor, d'esta feita, não poderia dispensar-se de o lér. Desnorteadado pela audacia dos signatarios e pelo tom respeitosa e energico do protesto, o philosopho titubia, desfaz-se em desculpas, assegura que jámais pensou em atacar o christianismo em particular, que antes o tinha em grande veneração, e que buscava de futuro respeitar mesmo ali as crenças alheias. E do alto da cadeira lê a serena profissão de fé d'aquelles valentes cruzados — profissão que o auditorio, composto de 200 alumnos, ouve no meio do mais religioso e significativo silencio.

Mas, triumphos d'estes não perdiam afinal o character de simples escaramuças. Ozanam palpava a necessidade de alargar mais a acção catholica e de descer das altas esferas especulativas ao terreno da acção pratica.

Em 1834 escreve elle aos amigos: « Nós somos demasiado jovens ainda para entrarmos na lucta social.

Ficaremos, pois, *inertes* no meio do mundo que soffre e que geme? Não; resta-nos uma via preparatoria. Antes de promovermos o bem publico, podemos dedicarmo-nos a fazer o bem particular. Antes de regenerar a França, podemos aliviar alguns dos seus filhos pobres. Assim, eu quereria que todos os jovens de alma e de coração se unissem para qualquer obra de caridade, e que se formasse por todo o paiz uma vasta associação generosa para alivio das classes populares ».

Animado d'estes sentimentos, Ozanam funda com os seus melhores amigos — e eram oito apenas — as *Conferencias de S. Vicente de Paula*.

ACÇÃO SOCIAL

A sympathia de Ozanam pela causa popular já então era arraigada e profunda. O estudo dos phenomenos sociaes da sua epoca e o estudo da historia tinham gerado no seu espirito clarividente a convicção de que a « Democracia é o termo natural do progresso político e de que Deus impelle para ella o mundo ».

Os factos de 1848, radicam-lhe cada mais essa convicção no espirito, levando-o a antecipar de muitos annos o *misericor super turbam*, do Divino Mestre que, ao depois, proferido solememente pelos labios do supremo hierarcha da Igreja, Leão XIII, e aplaudido com alvoroço pelos catholicos de todo o mundo, havia de perpassar como um murmurio de sympathia por sobre as cabeças humildes do proletariado, acabrunhadas pelo pêso do trabalho.

« Eu creio na possibilidade da Democracia christã, escreve elle, e não creio mesmo em mais coisa nenhuma em materia politica ».

E depois da lição de 1848, escreve ainda a seu irmão, o Padre Ozanam: « Eu sempre aprovei e hoje sinto-me feliz por ter compartilhado da tua sympathia por estes homens trabalhadores, pobres, alheios ás delicadezas e á polidez d'aquelles que se chamam bem educados. Se um maior numero de christãos, e sobretudo de ecclesiasticos, se tivesse occupado dos operarios, nós estaríamos mais seguros do futuro; e todas as nossas esperanças repousam ainda hoje sobre o pouco que se fez até aqui ».

E mais tarde em 1851 conclue com acento profetico: « Vede como a grande lição de 1848 está longe de ter instruido os homens! Ei-los todos, uns após outros, declarando á face do ceu e da terra que nenhum d'estes acontecimentos os obriga a mudar de rumo e que de nada tem de que se arrependam; ei-los que retomam os seus odios, as suas mesquinhas paixões e os seus velhos habitos: *elles querem por força obrigar a Providencia a fulmina-los segunda vez e com mais energia* ».

Vinte annos passaram, porque a paciencia de Deus é longa, e o Vaticinio de Ozanam cumpriu-se. A França soffria a suprema humilhação de 1870.

N'estas condições, qual seria o remedio para os males que affligiam a Igreja e a sua patria? Ozanam esforçara-se por sanear a atmospherã mental chamando a juventude ao estudo reflectido dos problemas religiosos e sociaes, encarados á luz do Evangelho. Mas não bastava; era necessario predispor e conquistar os corações por uma larga effusão de caridade.

De feito, n'aquella epocha egoista e indifferente ás misérias populares, antes que a sciencia social catholica vulgarisasse as suas conclusões, desenvolvimento logico do pensamento christão, era indispensavel que a caridade lhes abrisse de par em par os corações.

E qual seria o terreno mais proprio para unificar os corações, approximar os ricos dos indigentes, do que o terreno (neutro) da caridade? Ella seria pois, a semente bemdita, que, lançada áquella terra arida pela mão generosa dos confrades de S. Vicente de Paula tornaria possiveis as futuras reformas sociaes.

A obra das conferencias de S. Vicente de Paula é assim, ainda mesmo sob o ponto de vista social, a obra primacial de Ozanam.

« Quando Frederico Azanam, disse eloquentemente o *Conde de Mun* no congresso de Liège de 1886, quando Frederico Ozanam, aos vinte annos, n'um meio sedento de poderio, de riquezas e de egoismo, convidava os seus companheiros de estudo a estenderem as mãos aos desherdados da fortuna, quando lhes apontava a lucta travada entre aquelles que teem demasiado e os que teem pouco, e os conjurava em nome do seu titulo de christãos a lançarem-se entre elles como mediadores, seguramente elle punha o dedo na ferida; elle denunciava o mal e abria o caminho por onde haviam necessariamente de passar aquelles que houvessem de lhe applicar o remedio. Eis porque a obra de Ozanam ficou sendo a obra por excellencia, e como que a escola de aprendizagem onde todas as obras sociaes vão buscar os seus apóstolos e organizadores ».

É ella tambem a que Ozanam mais estimava.

N'ella resplandece, em todo o seu brilho, a fé simples e operosa, a humildade profunda e piedade illustrada da sua bella alma juvenil.

E quando mais tarde, já alquebrado pela rudeza d'um labor exgotante, percorria, por indicação da medicina, paizes distantes em demanda de alivio para os seus padecimentos, que santa emoção não experimentava ao entrar em contacto com os seus confrades, já então dispersos pela Europa e pela America!

« As lagrimas da alegria afloram-me aos olhos, diz elle, quando encontro n'estes paizes distantes a nossa familia, pequena pela obscuridade das suas obras, mas grande pela benção de Deus. As linguas são differentes mas é sempre o mesmo aperto de mão, a mesma cordealidade fraternal — e nós podemos hoje conhecermo-nos pelo signal porque se distinguem os primeiros christãos: « Vêde como se amam! ».

Entretanto, Ozanam sentia approximar-se a eternidade. Elle trabalhará afanosamente na pesquisa dos elementos da verdade que repartia com larga prodigalidade á juventude e tambem ás multidões. Chamara com empenho os christãos á austeridade do estudo e ao zelo do apostolado e, á frente dos seus soldados, foi elle o primeiro a aparar os golpes inimigos. Finalmente, podia entoar o *bonum certamen certavi* de S. Paulo, elle, que tinha entoado durante annos o *quotidie morior* do mesmo apostolo.

Abriam-se-lhe as portas da eternidade e elle entrara n'ella, confiante como na casa paterna, com serenidade.

Quando de volta de Italia aportou a Marselha em 8 de setembro de 1853, approximava-se a hora derradeira. Ozanam emprega-a em dôces colloquios com a familia.

« Uma calma, refere Lacordaire, que não era nem a da vida, nem a da morte se apossou da sua pessoa, e n'este estado recebeu os sacramentos da Igreja de que elle tinha sido fiel e extremo defensor. Ao sacerdote que o exhortava a ter confiança em Deus respondia elle com a serenidade dos justos: « É porque não, porque o temerei eu, se tanto o amo! ».

O amor de Deus e, em Deus, o amor do proximo — tal foi a religião de Ozanam, e cifra-se n'isso, a bem dizer, toda a religião.

Repousa em Paris na igreja do Carmo, o corpo do grande apostolo. E na Igreja militante, derramando caudaes de benções, a sua obra maravilhosa das conferencias justifica o epitafio que encima a sua tumba de confessor da fé:

« Porque procuraes entre os mortos aquelle que vive? »

Ozanam disse um dia estas palavras aos jovens membros d'um circulo catholico :

« Todos os dias os nossos amigos, os nossos irmãos affrontam a morte como soldados ou como missionarios nas inhospitas paragens africanas ou deante dos palacios dos mandarins. E que faremos nós outros entretanto? Crêdes que Deus destinou a uns para morrerem ao serviço da civilização e da Igreja e aos outros para viverem com as mãos no bolso ou deitados n'um leito de rosas? »

Senhores! Operarios da sciencia, homens de lettras, christãos, mostremos que possuímos dignidade bastante para não acreditar-mos n'uma partilha que seria uma accusação contra Deus, se a fizera, e uma ignominia para nós, se a aceitáramos. Aparelhemo-nos para provar que tambem nós temos o nosso campo de batalha, *onde, por vezes, se sabe morrer* ».

Estas ultimas palavras não foram para Ozanam uma vã amplificação oratoria. Ozanam pagou, com effeito, com uma morte prematura o excesso de trabalho que se impoz e o ardor quasi febril que communicava á exposição da verdade. Quando, apoz longas vigalias e estudos minuciosos, abria a seus ouvintes os tesouros do seu espirito, sentia-se o seu debil organismo vibrar sob o esforço da convicção e do proselitismo. A desconfiança intuitiva de si mesmo, a timidez natural de Ozanam desaparecia quando elle, professando na cadeira magistral ou dirigindo-se ás assembleias catholicas se elevava acima das contingencias da erudição, em direcção ao bem absoluto, para o qual elle queria arrastar as almas.

Então arrebatava-o, transfigurava-o a moção sublime do orador e os auditorios mais indifferentes, aquelles mesmos que vinham de applaudir Quinet ou Michelet, se deixavam empolgar por uma forte corrente de sympathia e ás vezes de conversão.

Historiador, litterato, jurisconsulto, artista, homem de acção, elle foi, acima de tudo, e em todas as formas do pensamento — *o christão que vive a sua fé.*

A. M.

A Capella de S. Paulo e a divisa da Universidade Columbia

(NEW-YORK)

I

Os norte-americanos teem tido o bom senso de respeitar a ideia religiosa; e é assim que junto ás suas universidades, e fazendo parte dos seus edificios, se encontram por vezes templos magestosos.

Na *Columbia University*, a mais importante de New-York, os edificios principaes estão distribuidos entre a 116.^a e a 120.^a ruas e as Avenidas Larga (Broadway) e de Amsterdam. A Bibliotheca (*Library*) occupa o centro do quadrilatero onde se encontram as diversas escolas, faculdades e institutos de chimica, physica, historia natural, etc. Ao lado direito d'ella fica o edificio religioso, que é uma esplendida capella dedicada a S. Paulo (*St. Paul's Chapel*).

Por muitos é considerada esta capella como a mais interessante do grupo universitario sob o ponto de vista architectonico.

As suas dimensões são $42^m,67 \times 9^m,75 \times 34^m,137$. Na planta tem o feitio de uma cruz latina, prolongada no sentido das extremidades, na da entrada por um portico abobadado com 4 columnas e na opposta, onde está o altar da capella-mór, por uma abside semi-circular, illuminada por tres janelas, com vitraes decorativos.

O cruzeiro é rematado por um zimborio que attinge no interior a altura de $27^m,7$ com 24 janellas; e na forma geral lembra os zimbórios das igrejas da renascença de Milão e do norte da Italia.

Todo o edificio é feito de tijolo avermelhado com guarnições de calcareo fino.

No portico vê-se, em letras doiradas, a inscripção « *Pro Ecclesia Dei* » (pela Igreja de Deus) e os capiteis são adornados com cabeças de cherubins, obra do esculptor Gutzon Borglum.

O vestibulo é abobadado e adornado com o emblema de cruz com tijolos de côr.

Sobre a porta de entrada para a capella está, tambem em letras douradas, a inscripção: « *In lumine tuo videmus lumen* ».



Bibliotheca da Columbia University
(The Library)

Ainda em frente aos dois pilares das extremidades do vestibulo estão dois grandes candelabros artisticos, doados pelos alumnos do curso de 1888, que ali se reuniram, ao festejar o 25.º anniversario da sua formatura; são no estylo de renascença florentina e feitos pelo artista de Florença Artur Bianchini, que residiu algum tempo em New-York.

O interior da capella é notavel pela unidade, elevação e magestade de decorações e do desenho. O espirito do visi-

tante sente-se levantado pelo conjuncto, e domina-o uma impressão de serenidade e de paz; é bem um edificio de character religioso, como o das cathedraes da Idade Media.

Nos 4 arcos cruzeiros estão symbolos allusivos aos quatro Evangelistas.

Os arcos nos braços da cruz são adornados com uma grade artistica de bronze de um desenho delicado; e largas janellas lançam d'ahi a luz precisa para o interior do templo.



Portico e exterior da Capella de S. Paulo

(No lado esquerdo da figura vê-se o cunhal e uma fachada do Museu de leitura natural, designado pelo nome do doador *Schermerhorn*)

O côro e as cadeiras que guarnecem a igreja e o pulpito são de carvalho italiano, esculpidos e adornados de embutidos, e foram executados em Florença pelos irmãos Coppede, segundo os esboços dos architectos americanos, a quem foi encarregada a construcção; os desenhos foram inspirados nas cadeiras de Sta. Croce, de Florença.

O pavimento é marchetado artisticamente, e feito de marmore, porphyro, verde antigo e marmore amarello, de uma igreja christã de Roma antigamente demolida.

Na capella-mór o que mais impressiona é o desenho dos

vitraes da abside. Representa S. Paulo, pregando em Athenas, quando elle diz: « *Varões athenienses, em todas as coisas vos vejo como mais supersticiosos; porque, passando e vendo o vosso simulacro, achei tambem um altar em que estava escripto — « Ao Deus desconhecido ».* Aquelle, pois, que adoraes sem o conhecer, esse é que eu vos annuncio ». (Actos dos Apostolos, XVII, 23). Figura-se o Apostolo, em pé, n'um portico do Areopago, em attitude simples e magestosa, dominando os seus ouvintes: uns, que o escutam com attenção e sympathia, outros com indifferença ou com incredulidade obstinada e desdenhosa, ainda outros com zombaria.

As diversas figuras estão distribuidas d'um e d'outro lado do apostolo pelos tres vitraes, por todos os quaes se extendem as linhas do portico, e no fundo os contornos do Areopago, o que dá ao todo unidade de composição.

Em logares de destaque e no primeiro plano estão Dyonisio Areopagita, que demonstra sincera conversão aos novos ensinamentos; e Damaris, absorvida pela exhortação e razões do Apostolo.

Esta composição é manifestamente inspirada no celebre quadro de Raphael sobre o assumpto.

Os moldes ornamentaes da janella tem no altar as palavras, em texto grego: — *Ao Deus desconhecido* —, a que S. Paulo se refere no seu discurso; os outros textos em grego são citações explicando a expressão das varias figuras.

A capella tem um magnifico orgão que é considerado um dos melhores de New-York, pela suavidade e riqueza de sons, e pelo artistico da decoração.

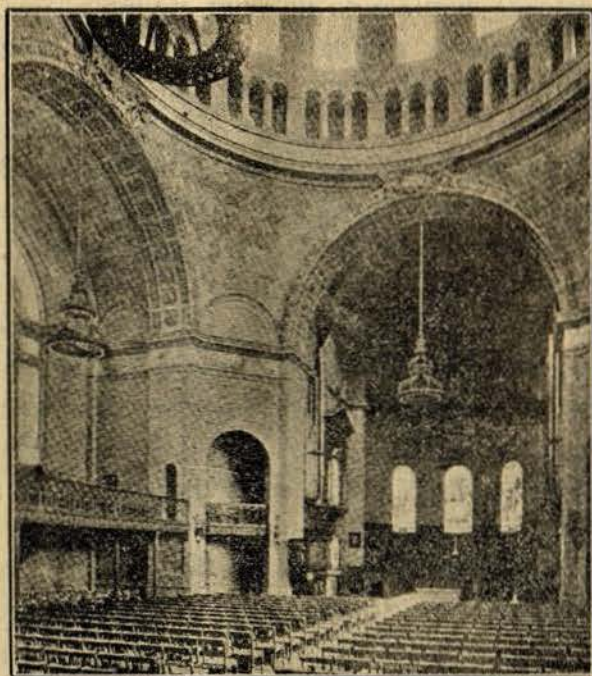
Todos os dias, menos nos sabbados, ha serviço religioso na capella, e aos domingos ha tambem sermão. Um numeroso orpheon de estudantes a acompanha em canticos a musica sagrada. Ha tambem frequentemente recitas de orgão de tarde.

II

A divisa da Universidade Columbia, que figura no sêlo grande dos seus documentos e diplomas, é a mesma que já mencionamos a entrada da capella: « *In lumme tuo videbimus*

lumen», que quer dizer: é a tua luz que nos illumina; ou — em ti veremos a luz de que sois o foco.

São palavras de origem biblica, que se encontram no Psalmo de David, XXXV, v. 10. São appropriadas perfeitamente quer ao ensino das verdades divinas, quer á instrução derramada pela *Alma Mater*.



Interior da Capella de S. Paulo

A Universidade Columbia tem já cento e trinta nove annos de existencia, tendo sido fundada em 1754, sob a denominação de «*King's College*», com uma organização muito rudimentar. Em 1890 passou por uma larga reorganização, e de então até cá tem progredido extraordinariamente, para o que tem concorrido largas doações de capitalistas americanos. Os seus fundos em terrenos, edificios e titulos excedem presentemente cincoenta milhões de dollars (50.000 contos de reis); o pessoal administrativo e decente, comprehendendo o das escolas de medicina e da pharmacia e dos collegios de instrucção preparatoria annexos, regula por 800 pessoas; o numero de estudantes por 8.000.

III

N'esse grande paiz, tão notavel pela exuberancia e magestade dos seus progressos e pela pujancia do seu desenvolvimento intellectual e economico, a liberdade espiritual é uma realidade concreta, fez-se instituição e illumina os povos modernos. Pois é ahi que a idea religiosa, e particularmente o christianismo, teem desenvolvido uma efflorescencia, que a historia não conhecia (RUY BARBOSA).

Não são decadentes os povos crentes, senão aquelles a que falta o ideal religioso. Com a dissolução das crenças coincide a dissolução dos costumes, a perda da riqueza moral, o desenvolvimento do egoismo e o enfraquecimento da idea da patria, e d'ahi a declinação da nacionalidade e a desgraça collectiva.

Bem se pode dizer que a religião é o nervo dos estados. Felizes os povos onde, como na grande nação americana, circula vivificante a seiva do espirito religioso!

Ferreira da Silva,

professor da Universidade do Porto.

CHRONICA LITTERARIA

Neo-conversa

I

Francis James, critico grave e subtil, judicioso e penetrante, annotou, n'um artigo recente, o ultimo livro da condessa de Noialles — *Vivos e Mortos*. E fel-o com manifesta sympathia — caridade christã, talvez — por essa festejada mulher de letras, tão espontanea e sincera e ardente nos seus versos, que

um admirador fervoroso dizia, ha pouco, que vê n'ella a propria poesia.

O espirito e o coração de M.^{me} de Noailles começam de evoluir para a luz, abeiram-se emfim do caminho da verdade, de que tão longe, n'uma lamentavel cegueira, teem vivido?...

Francis James não nos diz abertamente que sim, mas confia muito na reflexão produzida pela idade e na aspera lição dos desenganos.

Não de maravilha, purifica e branqueia as almas a neve que o tempo deixa cahir nos cabellos. Nas mulheres principalmente, desvanecido o encanto dos dias mais luminosos, porque, para ellas, as primeiras manifestações da velhice, que lhes põe deante dos olhos um espelho inclemente, são como beijos antecipados da morte...

Franzina e pallida, o olhar precocemente velado dos que, pela vida fóra, vão cantando, traços infantis dispersos ainda nas feições já sem frescura, ar de esphinge, n'um desafio constante á analyse dos psychologos, a condessa de Noailles, mesmo n'uma simples apresentação photographica, diz-nos que é muito do seu sexo — dos seus nersos, das suas emoções, dos seus caprichos, muito mulher, n'uma palavra. E não engana.

Como artista, logo á primeira leitura, nota-se que revive n'ella, com ligeiros commedimentos, impostos pela indole do nosso tempo, a alma vibrante e sonora, ardente e desvairada de Sapho.

Os motivos simples e castos, emergentes da vida do coração e da vida da familia, que são um encanto, uma inspiração bem amada para a mulher, que preza devidamente a sua nobreza moral, por via de regra não interessam a lyra insubmissa e fogosa da condessa de Noailles. Apraz-lhe sobretudo cantar o instincto sem péas, o amor sem *preconceitos*, a natureza sem veus, quasi sem veus...

Desejos violentos, confissões ousadas, sonhos febris, gritos de paixão fremem e ardem — teem uma vida intensa nos seus versos, que no culto pagão que rendem ao prazer, documentam, nos dominios da arte, observações de Faguet sobre a *demissão da moral*.

Faz-nos pena a pobre alma louca, que, na impureza dos

seus cantos, deixa fallar abertamente os seus erros, porque nos obriga a pensar, quando a ouvimos, nas lagrimas que Magdalena chorou por ter sido um pouco assim...

Os poemas de Noailles encontram muitos leitores n'um certo publico de coração perverso e de aspecto elegante, publico de decadencia, que, além de seguir com uma curiosidade maligna a maneira de ser da mulher na litteratura, pede aos livros sensações vivas e fortes e vê no peccado um realce da belleza.

Para mais, a forma d'esses poemas exerce quasi sempre uma seducção muito perigosa: é facil, colorida, ondeante, harmoniosa e revestida frequentemente d'esses pequenos nada's, que a mulher, com uma graça inconfundivel, põe na sua casa, na sua *toilette*, nos seus escriptos, nos seus versos.

Da originalidade não fallo, seria talvez impertinente fallar. Assim como se nos figura que todas as mães beijam os filhos com a mesma bocca suave e enternecida, assim tambem nos parece que todas as mulheres de letras escrevem com a mesma penna graciosa, leve e mais ou menos de emprestimo. Ha sempre um homem de genio, vivo ou morto, que, com os prestigios da sua arte, as suggestiona e domina, como já notou Schopenhauer com sagacidade e dureza.

Registam-se excepções cheias de brilho — Staël, George Sand, Pardo Bazan... Ainda bem.

O mysterio d'alem-tumulo dá ao ultimo livro de M.^{me} de Noailles uma gravidade triste, que lhe ennobrece o sentido e espiritalisa a belleza. A idéa da immortalidade domina as sombras da morte; o nome de Deus, inspirativo e santo, esclarece a espaços o labor artistico da auctora, que parecia desconhecel-o; e, para alem da vida, da terra, do mundo angustioso dos sentidos, a que prendeu cegamente o coração, a complicada mulher que ella é, sempre inquieta, anciosa, e já talvez desilludida, começa a vêr horisontes mais vastos, laços mais nobres, um mundo novo, uma luz melhor...

E assim o livro — *Livros e Mortos*, se não representa um passo resolute e sincero no caminho da verdade, como o *En Route* de Huysmans, é, quando mênos, um livro espiritalista, feito a espaços com elevação moral.

Diz Francis James que se tivesse de aconselhar uma lei-

tura salutar á condessa de Noialles, — a leitura exigida pelo seu novo estado d'alma, indicaria sem reservar a *Oração funebre da princeza palatina*, Anna Gonzaga de Cleves.

Conselho judicioso e bem digno de ser seguido, porque a oração funebre da *Palatina* é uma obra profundamente christã, modelar no genero e feita expressamente para levar o desengano ás almas que desdenham da virtude e não amam a verdade. Como junto do tumulo de Henriqueta de Inglaterra, nas exequias de Anna de Gonzaga, Bossuet quer « mostrar n'uma só morte o nada e a morte de todas as grandezas e de todas as vaidades humanas ».

N'esta oração funebre, o prodigioso orador é, ao mesmo tempo, o christão, o sacerdote, o *bom samaritano* entranhadamente condoido das almas entregues ao peccado e o flagellador severo e rude dos vicios da côrte, das torpezas do mundo e dos desvairamentos do seculo.

Pela impureza dos seus costumes, pela insolencia dos seus caprichos e até pela impiedade dos seus ditos e das suas opiniões, a *Palatina* dera brado — o brado terrivel do escandalo, dentro e fóra da côrte, no seculo de Luiz XIV. Como a descrença e o vicio andam quasi sempre estreitamente enlaçados, na linguagem do tempo os atheus eram *libertinos*. *Libertina*, portanto, fóra tambem a princeza nos melhores annos da vida, quando se pensa que os dias hão-de ter sempre o mesmo sol, o sangue o mesmo ardor, a alma a mesma frescura...

Até que um dia, já um tanto ou quanto advertida pela idade, ao sentir no coração os primeiros frios da velhice, Anna de Gonzaga converteu-se. As recordações da infancia, que o tempo, em algumas almas, em vez de desvanecer aviva singularmente, leituras salutaes, advertencias severas, feitas talvez nos proprios sermões de Bossuet, e as influencias mysteriosas, mas decisivas, da graça lograram desprendel-a do mundo e reconciliar-a com Deus.

Toda a sua vida foi depois consagrada a boas obras e a praticas religiosas, como se derivasse piedosamente n'uma cella conventual. E isto até ao fim, até á morte, para que a sinceridade com que se abraçou á cruz não desse margem a duvidas.

Foi este grande assumpto, abrolhado de difficuldades,

que Bossuet tratou no pulpito, erguendo-se por vezes a alturas, a sublimidades que só o genio alcança. Vê-se bem que desce do alto, cheia de luz e de força, soberana e dominadora, a palavra com que elle veste o seu pensamento de philosopho e precipita — é o termo — nas almas a sua rude lição de moralista.

O grande pregador que elle foi! Os pobres e mesquinhos pregadores que nós somos hoje!


Vou transcrever duas passagens, que se me figuram mais reveladoras da indole d'esta oração funebre, que honra por igual o pulpito catholico e a litteratura franceza, desprezadora, até á renuncia, dos applausos do seculo, sempre interessada, até ao ardor do zelo, pela salvação das almas.

« Vinde agora, peccadores, quem quer que vós sejaes e onde quer que vos encontréis, mesmo á sombra da morte; se a vossa alma desgraçada vos merece ainda piedade, vinde vêr donde a mão de Deus retirou a princeza Anna, vinde ver aonde a mão de Deus a levantou ».

E mais adeante, dirigindo-se aos ouvintes: « Não julgueis que vos seja permittido ouvir apenas por mera curiosidade este discurso. Ides ser privados de todas as desculpas vãs, em que envolveis a vossa impenitencia; ou a princeza palatina levará luz aos vossos olhos ou fará cahir, como um diluvio de fogo, a vingança de Deus sobre as vossas cabeças. O meu discurso, de que vós julgaes talvez ser os juizes, será vosso julgador no ultimo dia; será para vós um novo encargo, como diziam os prophetas — *onus verbi Domini super Israel*, — e por tal forma que, depois de o ouvirdes, sereis mais christãos ou mais culpados ».

Para as almas que a vida dos sentidos entorpeceu longamente a verdade precisa de ser assim — nitida e rude.

Salutar e oportuna leitura para M.^{me} de Noailles, como, de certo, o foi tambem para M.^{me} Juliette Adam, convertida recentemente.



Jesus adormecido

N'um bosque aos pés das arvores,
cumprindo o seu destino
fogem da sanha barbara
a Virgem e o Menino.

Murmuram brandos zephyros
na densa ramaria
quasi animando o placido
descanço de Maria.

O jumentinho pasce-se
nos flacidos verdesores;
Joseph, sempre sollicito,
explora os arredores,

pensando nas propheticas
visões, que um Deus precito
arrojam triste e prófugo
ao suspirado Egypto.

Mas... sôa extranha musica!
dos ceos lá vem, lá vem,
trez anjos formosissimos;
ajoelham ante a Mãe;

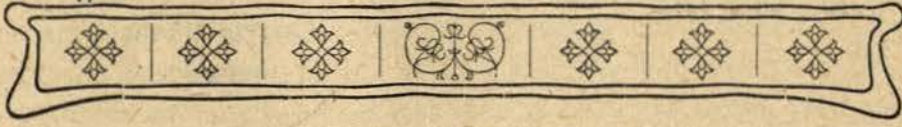
e, manço, vão, nas cytharas
das divinaes canções,
entoando, em lingua angelica,
anhelos e orações.

N'esta hora do crepusculo,
á voz dos bandolins
unem seu trilo os passaros,
seu canto os seraphins.

De joelhos nós. Silencio.
Sorrindo, além, Jesus
sonha talvez co'as lagrimas
que ha-de verter na Cruz.

Julio de Castilho.

(Visconde de Castilho).



NOTAS D'ACTUALIDADE

O Cardeal Rampolla

UMA GRANDE FIGURA QUE DESAPARECE

No dia 18 de dezembro o telegrapho levava a todos os cantos do mundo a noticia de que o Cardeal Rampolla cessára de viver, na idade de 70 annos, na sua casa do arciprestado de S. Pedro, á praça de Santa Martha.

Occultar a emoção profunda produzida pelo fallecimento d'esta proeminente figura, é falsear a propria verdade.

Rampolla continuou, apoz a morte de Leão XIII, a ser alvo de inumeraveis attenções. A todo o instante, a interrogação saltava do meio d'uma conversa sobre as coisas da Igreja: — que faz o Cardeal Rampolla?...

Prelado eminentemente piedoso, homem d'Estado de envergadura excepcional e subjugadora, diplomata que honra uma epocha do Pontificado, Rampolla era uma força.

Joseph Galtier descreve o seu retrato physico no *Temps*:

« Fui recebido muitas vezes pelo cardeal. Já o haviã visto na secretaria de Estado. Não me parecia que a perda do poder tivesse alterado a sua serenidade. Grave sem solemnidade, dir-se-hia no emtanto que havia na sua attitude mais *aisance* e mais abandono. No physico, a sua figura còrada, de traços fortemente accusados, tinha uma expressão de vigor sadio. O nariz saliente e carnudo era n'elle assaz longo para parecer quase fino. Mas eram os olhos que chamavam a attenção. O da direita, largo e preto, ficava sempre aberto, o outro semicerrado pela palpebra, prestava á sua physionomia não sei que ar fechado, impenetravel. Quando os dois se animavam e que a palpebra descida se levantava, o olhar tomava uma força singular. Não era duro. O cardeal ria e sorria sem esforço; n'estes momentos, o olho semicerrado agitava-se em estremecimentos maliciosos. O que fazia com que, rindo por metade,

o rosto parecesse rir duplamente. Tinha então a vivacidade e a malícia sicilianas ou napolitanas sem vulgaridade.»

O Cardeal Marianno Rampolla, principe de Tindaro, nasceu a 27 d'agosto de 1843 em Polizzi, diocese de Cefalu (Sicilia) cidade de velhas tradições medievas, situada sobre um rochêdo, a mil metros d'altitude, ao sul da capital diocesana. Ahi passou o jovem Marianno a sua infancia, no palacio patrimonial de sua familia.

Como coincidência historica apontamos o facto de haverem partido da Sicilia em curtos intervallos, tres homens de tão diverso futuro: — enquanto que Rampolla deveria sêr ministro da Santa Sé, os seus compatriotas Crispi e Rudini chegariam a occupar alternativamente as cadeiras ministeriaes do Quirinal.

Chegado a Roma muito cêdo, foi Rampolla educado no Seminario do Vaticano passando depois para o collegio de Capranica, onde disputou laureis com o futuro Cardeal Vicente Vanutelli, e do qual sahiu para entrar no dos Nobres Ecclesiasticos. No collegio de Capranica e no Apollinario, onde tambem esteve, foram seus professores o Padre Tarquini, italiano, e o Padre Franzelin, austriaco, mais tarde cardeaes da curia. Este ultimo jámais olvidou o eminente talento, o espirito scintillante, e a reserva distincta e a piedade profunda do seu alumno, de quem gostava de fallar como exemplo vivo d'uma carreira brilhante, concedendo-lhe Deus ainda a alegria de vêr Marianno Rampolla chamado da secretaria dos negocios ecclesiasticos á nunciatura de Madrid.

Já sacerdote, mas ainda estudante, publicou á guisa de ensaio um opusculo em latim, no qual tratava da demonstração, pelos textos liturgicos, da infallibilidade do Pontificado Romano, e com elle grangeou o grau de doutor. Dentro em pouco, entrava como estagiario na Congregação dos negocios ecclesiasticos extraordinarios, e logo depois Pio IX nomeava-o prelado de sua casa e conego da basilica de Santa Maria Maior.

Em 1875, foi enviado como auditor da nunciatura a Espanha, succedendo a Mgr. Simeoni. « Quando este ultimo, conta um seu biographo, foi chamado a Roma por Pio IX para receber o chapêu cardinalicio, o jovem conselheiro permaneceu na nunciatura madrilêna como encarregado de negocios.

Regressando á capital pontificia, foi-lhe confiado, em 1877, a secretaria da Propaganda oriental, e um pouco mais tarde a dos Negocios Ecclesiasticos extraordinarios no Vaticano, e era nomeado Conego da basilica de S. Pedro.»

Pio IX morre, e a 20 de fevereiro de 1878, Leão XIII, eleito Papa, logo divisa na massa dos funcionarios da curia a figura notavel do moço diplomata de 39 annos. Preconisa-o Arcebispo de Heracleia a 1 de dezembro de 1882 e nomeia-o Nuncio em Madrid, logar este onde o governo hespanhol desejava vê-lo para solver certas difficuldades pendentes e delicadas.

No dia em que subia para a carruagem de gala afim de ir apresentar as suas credenciaes, foi o Cardeal Rampolla, que «juntava a uma rara energia de vontade uma especie de timidez physica», acomettido de um tremor nervoso na mão direita, que tanto era notado por aquelles que d'elle se aproximavam e muito o incommodava nas ceremonias publicas. Desempenhou-se n'aquelle dia Rampolla do seu mandato, com absoluto dominio dos seus nervos, como se nada lhe houvesse acontecido, mas esta enfermidade jámais desapareceu, tendo-se accentuado até ultimamente e a tal ponto que Sua Eminencia desistira de ministrar a Sagrada Communhão.

Quatro annos de labor intenso, exigido a si mesmo e aos seus subordinados, como testemunhava o internuncio Tarnassi, já fallecido, bastaram ao Cardeal-Nuncio para desanuviar a situação. «Facilitou a convenção entre a Santa Sé e o governo hespanhol sobre os direitos reciprocos do poder ecclesiastico e do poder civil acêrca do casamento, a *entente* leal entre o governo e o episcopado peninsular, fóra e acima das paixões politicas, a elevação e o prestigio da séde episcopal de Madrid» e corôou a sua obra alcançando que Leão XIII fosse dado como arbitro entre a Allemanha e a Espanha na questão das Carolinas!

A 14 de março de 1887, o Papa fal'o Cardeal presbytero, do titulo de Santa Cecilia: e é sabido quanto prodigalisou Rampolla, em liberalidades e principescas munificencias, á basilica d'este nome.

Alguns mezes depois, Leão XIII escolhia-o definitivamente como secretario d'Estado. Durante dezaseis annos elle

se manteve n'este posto tão difficil, isto é, até á morte de Leão XIII em 1903.

E' quasi impossivel descriminar a sua acção durante este longo periodo, tão estreitamente se confundem as physionomias politicas do Pontifice e do seu ministro, tão intima é a união entre estes dois homens providenciaes. Não ha materia facil a indiscreções: as glorias do Pontificado, como os seus erros humanos, cabem á direcção suprema do Papa e do secretario d'Estado. E' que jámais se viu servidor tão apagado, tão dedicado como Rampolla. O Chefe Supremo da Egreja, aquelle *homem vestido de branco*, como lhe chamava Gebahrd, exsurgia rutilante e soberano: a seu lado Rampolla trabalhava, seguindo-lhe as sabias direcções. Por isso com razão escreveu alguém estas enigmaticas e ao mesmo tempo sufficientes palavras: « Qual foi a sua parte real n'esta politica tão nitidamente orientada n'um sentido determinado e em direcções definidas, a partir do dia em que Leão XIII o escolheu como secretario d'Estado? Não o disse elle, e, jámais agora, o poderá dizer! »

Fixêmos apenas traços mais salientes d'esta communhão de ideias e de sentimentos, pois que os quadros fulgurantes e os mais importantes documentos dos seus trabalhos são já impereciveis e conhecidos. Extractamo'os d'um jornal catholico auctorisado, *La Croix*, sob o titulo *Dialogo emocionante*. « Leão XIII, servido pelo cardeal Rampolla, julgou que a Santa Sé podia appoiar-se sobre a França e que a França republicana possuia e guardava interesses que a aconselhariam a não desprezar o apoio da Santa Sé. Não nos compete censural'os, nem é hora de discutir aquillo que á historia pertence e ao seu julgamento é reservado. Retenhamos apenas este dialogo commovente — que é tambem da historia, trocado, no Vaticano, entre o servo fiel e o pontifice moribundo. Ambos se pedem perdão das faltas que pudessem commetter na sua estreita e intima associação. E o Papa agonisante soergue-se ainda para bradar: « Servimos bem a Egreja. Nada temos a censurar-nos ». Assignalemos a politica do *ralliement*; as negociações prudentes com a Prussia que levaram á derogação das *leis de maio*, epilogada pela visita dos Imperadores ao Vaticano, em 23 d'abril de 1893; a renas-

cença catholica ingleza, auxiliada com tanto afan e amor; as grandes esperanças que nasciam á morte de Leão XIII, da unidade dos christãos do Oriente, e o desenvolvimento florescente do catholicismo na America.

Eis os marcos milliaris da acção politica de Marianno Rampolla.

... A 20 de julho de 1903, Leão XIII morria. E a 31 d'este mez o Cardeal secretario entrava com outros cardeaes no Conclave... Rampolla estava apontado no numero dos *papabili*. Surge então o famoso incidente do *veto* austriaco. Ouçamos J. Arren narrando-o, bem como a questão do *accesso*, no *Eclair*.

« No 1.º d'agosto, ás 7 horas da manhã, os cardeaes comungam, e ás 9 e meia reúnem-se na capella sixtina para o primeiro escrutinio. Sobre o altar está collocada uma grande urna em fórma de calix: um apoz outro, os cardeaes lançam dentro d'ella o seu boletim de voto. Tres escrutinadores são tirados á sorte: o primeiro é o cardeal Rampolla. Quando os suffragios foram lançados na urna, elle levantou-se, e apoiando a patena sobre os bordos do calix, sacudiu-o para bem mesclar os boletins. Despejou-os em seguida sobre a meza, conta-os e depois, abrindo o primeiro, leu em alta voz: — *Cardinale Gotti*. Um outro boletim: — *Cardinale Rampolla*, e proclamou o seu proprio nome sem que nada trahisse a menor emoção, na sua voz.

« E' por uma testemunha que sabemos estes detalhes: o cardeal Mathieu revelou-os n'um artigo do *Correspondant*, alguns mezes depois do Conclave...

N'este primeiro escrutinio, o cardeal Rampolla teve 24 votos, o cardeal Gotti 17; vinham em seguida, o cardeal Sarto com 5 votos e Serafim Vanutelli com 4; alguns outros nomes figuravam em dois boletins ou só n'um... N'esse momento, produziu-se um incidente cujo alcance só mais tarde appareceu: o cardeal Cavagnis dirigindo-se ao cardeal decano, Oreglia (recentemente fallecido) perguntou se seria preciso preparar o *accesso*, e o cardeal respondeu: « Não haverá *accesso* ».

« O *accesso* é uma fórma de segunda votação que fôra empregada nos conclaves precedentes. Permittia aos cardeaes

modificar o seu primeiro voto apoz a proclamação do escrutínio, fazendo-o recahir sobre um dos nomes que tivessem sido declarados: cada cardeal, por exemplo, escrevia no seu boletim: «*accedo X...*» ou então, se mantinha o seu primeiro voto: «*accedo vernini*». Este processo favorecia sempre aquelles que mais votos tivessem. Ter-se-hia podido, talvez, determinar a eleição do cardeal Rampolla. Em todo o caso o *accesso* não foi empregado.

Na tarde de sabbado, o cardeal Rampolla tinha 29 votos, o cardeal Gotti 16, o cardeal Sarto, 10... Eram precisos 32 para ser proclamado. Foi então que se produziu um dos acontecimentos mais dramáticos que é licito imaginar.

No domingo pela manhã, enquanto os cardeaes escreviam os seus votos, o cardeal bispo de Cracovia pediu a palavra e leu um documento em latim, cuja traducção litteral apresentamos:

«Tendo sido chamado a este officio por uma ordem muito superior, tenho a honra de pedir a Vossa Eminencia, na sua qualidade de decano do Sacro Collegio e de Camerlengo da Santa Egreja Romana, que tome conhecimento para sua propria informação e para o declarar d'uma maneira official, em nome e pela auctoridade de Francisco José, imperador d'Austria e rei da Hungria, que Sua Magestade, entendendo usar d'um direito e de um privilegio antigos, pronuncia o veto d'exclusão contra o Meu Eminentissimo Senhor, o cardeal Mariano Rampolla del Tindaro».

Grave e pallido, o cardeal Rampolla levantou-se; «com uma accentuação de dignidade que commoveu toda a assembleia e onde se revelava toda a elevação da sua alma», diz o cardeal Mathieu, elle pronunciou as seguintes palavras:

«Eu lamento que um golpe tão grave seja dirigido e vibrado, em materia d'eleição pontificia, contra a liberdade da Egreja e contra a dignidade do Sacro Collegio por um poder leigo, e eu protesto energicamente. Quanto á minha humilde pessoa, declaro que nada de mais honroso e nada de mais grato me podia acontecer: Nihil honorabilius, nihil jocundius mihi contingere poterat.»

Na sua cella d'aquelle Conclave, á medida que os votos no seu nome augmentavam, o cardeal manifestára uma emoção profunda. Quando apoz este discurso a ella regressou, contam testemunhas, manifestou uma extraordinaria calma.

— Agora tudo se acabou! disse, atirando a purpurea capa sobre o leito.

Eis o que foi o incidente do *veto*.

Os escrutínios seguintes deram a maioria absoluta ao cardeal Sarto, que a 4 d'agosto de 1903 se devia tornar no immortal Pio X.

Rampolla, porém, não abandonou as suas lides e continuou nos mais importantes cargos, como o conselheiro dedicado, lucilante e fiel, que por todos era escutado.

Disse-se que o cardeal Rampolla se havia retirado de todos os negocios como se quizesse conservar para com o successor de Leão XIII uma reserva altiva. Nada mais antinómico com a verdadeira physionomia do cardeal. Pela sua infinita discreção, Rampolla mostrou sempre a « sua modestia profunda e o alto sentido que ligava á funcção d'um príncipe da Igreja », trabalhando incansavelmente nos logares que o Vigario de Jesus Christo lhe destinava. E tão altamente era considerado que lhe foi confiado o logar de secretario do Santo Officio, um dos primeiros da Igreja, senão aquelle que mais absolutamente respeita á direcção espiritual do Pontificado, concorrendo tambem a outras Congregações onde, como dissemos, era sempre escutada a sua palavra doutissima. Ultimamente presidia á Commissão dos estudos biblicos.

Rampolla era d'uma piedade tocante. O recolhimento extraordinario do Cardeal durante a sua missa era já lendario: demorava-se invencivelmente, entre a consagração e a comunhão, quando não celebrava em publico.

Para elucidar apenas, reproduzimos em seguida tres apreciações da imprensa da França, d'aquella França que foi o enlevo dos cuidados do cardeal Rampolla, traduzindo cada uma d'ellas, uma opinião distincta, acérca das quaes não nos pronunciamos, e o seu conjuncto, uma profunda e respeitosa saudade por aquelle morto illustre que foi o braço direito de Leão XIII.

Do Echo de Paris:

« O cardeal Rampolla esteve sempre convencido de que os destinos do catholicismo eram inseparaveis dos da França e que quanto mais a França se tornasse grande e prospera, tanto mais o catholicismo com ella ganharia em prestigio e em

expansão mundial. Este sentimento foi n'elle, como em Leão XIII, certamente, um dos motivos determinantes d'aquillo que se chamou a politica do *ralliement*, motivo dos mais generosos cuja patriotica inspiração nenhum catholico francez deve olvidar. As mesmas razões que levaram o cardeal Rampolla a accentuar as suas sympathias francezas, explicam a aversão, por vezes excessiva, dado o character internacional do Papado, que elle não cessou de demonstrar contra as potencias da Triplíce Alliança.

Muito intransigente no terreno da questão romana, plenamente convencido da necessidade d'um poder temporal para salvaguardar a independencia da Santa Sé, o cardeal Rampolla nunca poudo perdoar á Austria, potencia catholica por excellencia, o haver-se aliado á Allemanha para garantir á Italia a posse de Roma. Foi esta a origem dos seus sentimentos anti-austriacos, que elle manifestou por mil maneiras e principalmente favorecendo 'a influencia slava e russophila nos Balkans em detrimento da influencia austriaca.

Esta hostilidade, devia custar-lhe a thiara. »

Da *Croix*:

« E' uma grande figura que desaparece. Executor fiel da vontade de Leão XIII e seu secretario dedicado durante tão longos annos, o nome do Cardeal Rampolla ficará ligado na historia á sua glória doutrinal, aos seus trabalhos diplomaticos, aos seus successos, por exemplo na Allemanha, aos seus cheques algures, notavelmente em França.

Não emprehendemos aqui expôr um juizo definitivo, mas a impressão que ficou do ultimo Conclave é que a Igreja, depois d'este longo pontificado, carecia d'uma direcção menos diplomatica e mais apostolica. Tornou-se mais evidente que as audacias dogmaticas, escripturarias e sociaes, fructo d'um conjuncto de circumstancias, estavam chamando medidas severas em que, de resto o Cardeal Rampolla tomou parte muito activa pessoalmente, como secretario da Congregação do Santo Officio, de que o Papa é perfeito. »

Do *Soleil* (Carlos Dupuy):

« Se nem sempre elle chegou a convencer aquelles que divergiam da sua opinião sobre a utilidade e oportunidade de certas direcções pontificias, punha tanta graça e sinceri-